



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

<b>COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL</b>			
<b>EVENTO:</b> Audiência Pública	<b>REUNIÃO Nº:</b> 0586/18	<b>DATA:</b> 19/06/2018	
<b>LOCAL:</b> Plenário 4 das Comissões	<b>INÍCIO:</b> 14h17min	<b>TÉRMINO:</b> 17h35min	<b>PÁGINAS:</b> 72

**DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO**

MARA CRISTINA MARQUES ANGELO - Bióloga e Presidente da Associação Paulista de Zoológicos e Aquários.  
MARCELO SZPILMAN - Presidente do Aquário Marinho do Rio de Janeiro — AquaRio.  
UGO EICHLER VERCILLO - Diretor do Departamento de Conservação e Manejo de Espécies da Secretaria de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente.  
CLÁUDIO HERMES MAAS - Presidente da Sociedade de Zoológicos do Brasil — SZB.  
MAURÍCIO BRUNS - Diretor da Fundação Hermann Weege.  
DANIEL SANTANA LORENZO RAICES - Coordenador de Ações Integradas para Conservação de Espécies do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade — ICMBio.

**SUMÁRIO**

Debate sobre a proibição, em todo o território nacional, de zoológicos, aquários e parques que exponham animais silvestres.

**OBSERVAÇÕES**

Houve exibição de imagens.  
Houve intervenções ininteligíveis.  
Houve exibição de vídeo.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Augusto Carvalho) - Boa tarde, senhoras e senhores.

Declaro aberta a presente reunião de audiência pública da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, destinada a debater a proibição, em todo território nacional, de zoológicos, aquários e parques que exponham animais silvestres.

O requerimento para a realização deste evento é de autoria do Deputado Stefano Aguiar, do PSD de Minas Gerais.

Comunico a todos que o evento está sendo transmitido ao vivo pela Internet e gravado pela *TV Câmara* para ser exibido posteriormente na grade de programação da emissora. Por isso, solicito aos palestrantes o obséquio de sempre utilizarem o microfone para suas intervenções.

Convido para tomar assento à mesa o Sr. Cláudio Hermes Maas, Presidente da Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil; Sr. Marcelo Szpilman, Presidente do AquaRio; Sra. Mara Cristina Marques Angelo, bióloga e Presidente da Associação Paulista de Zoológicos e Aquários; Sr. Maurício Bruns, Diretor da Fundação Hermann Weege; Sr. Daniel Santana Lorenzo Raices, Coordenador de Ações Integradas para Conservação de Espécies do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade — ICMBio; e Sr. Ugo Eichler Vercillo, Diretor do Departamento de Conservação e Manejo de Espécies da Secretaria de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente.

Cada convidado terá direito a um tempo, de 10 a 15 minutos, e após as palestras iniciaremos os debates.

Desde já agradeço e peço que cada convidado observe o tempo proposto para sua exposição. Há um cronômetro à esquerda deste plenário para orientá-los nesse sentido.

Informo aos palestrantes, Parlamentares e demais presentes que esta Comissão promoverá um debate interativo, nesta audiência pública, por meio do portal e-Democracia, ferramenta interativa da Câmara dos Deputados.

Os servidores desta Comissão estão encarregados de moderar as perguntas dos internautas que acompanham esta audiência pública, as quais serão respondidas pelos nossos convidados ou pelos Parlamentares ao final dos debates.



Para ter acesso à Internet *wi-fi*, conecte-se à rede CD-Visitantes, acesse a tela de acesso e faça o cadastro com nome. Enfim, aqui há toda orientação para quem quiser efetivamente acompanhar esta nossa audiência.

O público presente no plenário poderá também enviar por escrito perguntas à Mesa, que serão lidas a critério do Presidente.

Peço ainda aos palestrantes que assinem autorização para que a Câmara dos Deputados publique suas exposições e utilize suas imagens para transmissão pela Internet e em programas desta Casa.

O Deputado Stefano Aguiar, proponente desta audiência pública, informou à Mesa sobre sua dificuldade em estar presente e solicitou que aqui estivesse o Deputado Evandro Roman, do PSD do Paraná.

Então, daqui a pouquinho, teremos o prazer de passar esta presidência para o Deputado Evandro Roman, que foi o escolhido pelo autor do requerimento para presidir esta sessão.

Esta Comissão tem dedicado cada vez mais espaço às questões relacionadas à conservação da fauna e ao bem-estar animal. Em 2017, realizou um debate extremamente profícuo sobre o sucateamento dos zoológicos brasileiros e sua nova utilidade em favor da fauna.

Hoje, teremos a oportunidade de ouvir a opinião e os argumentos de representantes do Governo, da sociedade civil e do setor interessado sobre a proposta de proibição, em todo o território nacional, de zoológicos, aquários e parques públicos e privados que exponham animais silvestres, que será aprovada ou rejeitada pelos membros desta Comissão, no âmbito da votação do Projeto de Lei nº 6.432, de 2016.

Os estudos de civilizações antigas, como as mesopotâmicas, egípcia, pré-colombianas e romana, evidenciam que os zoológicos existem a milhares de anos. Entretanto, seu conceito e destinação mudaram substancialmente ao longo do tempo.

A existência de coleções de animais selvagens em cativeiro para exclusivo entretenimento público não mais se sustenta, ética ou moralmente. Só se justifica manter animais selvagens em cativeiros em nome da conservação das espécies e, em última instância, pela preservação da biodiversidade e do patrimônio natural.



Os zoológicos, pela proximidade com o público, devem ser espaços de extrema importância para a educação ambiental e a conscientização conservacionista.

Outra função ainda mais relevante seria a de propiciar a proteção necessária para a conservação *ex situ* de espécies ameaçadas e o acúmulo de novos conhecimentos gerados por pesquisas científicas realizadas nesse ambiente.

Para ilustrar a relevância dessa função, citamos estudo publicado na revista *Science*, em 2011, que avaliou 25.780 espécies de vertebrados catalogados na Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais e concluiu que a criação em cativeiro teve importante papel na recuperação de 17 das 68 espécies de vertebrados cujo nível de ameaça foi reduzido.

Dentre os casos de sucesso, nos quais a conservação *ex situ* possibilitou a reintrodução na natureza de espécies ameaçadas de extinção, existem exemplos emblemáticos, como o condor americano, o diabo-da-tasmânia, o panda-gigante e, mais recentemente, o mico-leão-dourado. Entretanto sabemos que boa parte dos zoológicos do País passa por uma situação de abandono e descaso que coloca em risco não apenas a saúde dos animais como também a dos visitantes. Não é moralmente aceitável que tal situação se perpetue.

A existência de zoológicos e aquários que sirvam apenas para o entretenimento dos visitantes, sem qualquer preocupação com o bem-estar animal ou a contribuição para a conservação da fauna, é inadmissível.

O objetivo da audiência pública de hoje é ouvir a opinião dos especialistas convidados e discutir sobre propostas para garantir o bem-estar dos animais atualmente mantidos em cativeiro, com responsabilidade, em benefício da conservação da biodiversidade.

Ditas essas palavras em nome da nossa Comissão, eu, em homenagem à única mulher à mesa, passo-lhe a palavra. É uma mania aqui na Câmara termos Mesas quase que exclusivamente masculinas.

Então, Mara Cristina Marques Angelo, por favor, tenha a palavra, para que possamos ouvir a sua manifestação.

**A SRA. MARA CRISTINA MARQUES ANGELO** - Muito obrigada.



Boa tarde a todos. Agradeço o convite e a oportunidade de estar aqui, para que possamos discutir efetivamente o futuro e o papel dos zoológicos em termos de conservação.

Eu tenho uma pequena apresentação a fazer, que é curta, em Power Point. E há ainda o nosso vídeo institucional.

Na verdade, eu sou Presidente da Associação Paulista de Zoológicos e Aquários, mas estou representando a Fundação Parque Zoológico de São Paulo, em nome do Dr. Bressan, que é o nosso Presidente.

A fundação completou, este ano, 60 anos de trabalho, 60 anos voltados para a conservação. Inicialmente ela tinha a filosofia de todos os zoológicos que começaram muitos anos atrás, efetivamente baseada nas questões de exibição e educação ambiental. Mas, de 15 anos para cá, a instituição reformulou completamente sua missão, sua visão. E, baseados na sua carta de valores, nós direcionamos completamente nossas ações para os projetos de conservação, educação ambiental, pesquisa e gestão ambiental.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Como eu falei há pouco, de 15 anos para cá, houve essa vertente que mudou completamente o nosso direcionamento. Nós temos uma missão. A nossa carta de valores foi construída com todos os 300 funcionários da Fundação Parque Zoológico de São Paulo, em conjunto com a Diretoria. Ou seja, essa construção é participativa e vai desde a pessoa mais simples, que varre o nosso parque, até o nosso alto Presidente. Foi uma construção de visão e missão participativa, com todos nós.

A nossa visão é sermos referência internacional em pesquisa, conservação da biodiversidade, educação e sustentabilidade. As nossas missões são: conservação de fauna silvestre; excelência em exposição e bem-estar dos animais; pesquisa científica; educação ambiental; difusão de conhecimentos; qualificação dos empregados e colaboradores; gestão ambiental e de qualidade.

Além de todas essas ações, nós treinamos e formamos profissionais na área de meio ambiente.

Hoje o Zoológico de São Paulo conta com 2.840 animais e 270 espécies da fauna nativa e exótica. Trabalhamos com todas as espécies ameaçadas. Temos 244 anfíbios, 14 espécies, 1 delas ameaçada; 1.546 aves, 109 espécies, 36 delas



ameaçadas, todas envolvidas em programas de conservação; 451 mamíferos, 75 espécies, 44 ameaçadas; 581 répteis, 70 espécies, 9 ameaçadas. São 18 invertebrados, 7 colônias, 9 espécies, 1 ameaçada.

O Zoológico de São Paulo, basicamente em termos de número de qualificação profissional — porque o Presidente da Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil vai apresentar o número geral — trabalha hoje na qualificação profissional, que envolve desde os estudantes da pré-escola até profissionais. Estes dados são de 2017, os mais recentes: são 34 convênios, formados com instituições de ensino no Estado de São Paulo; 30 estágios solicitados; 48 solicitações de voluntariado. Portanto, o público quer trabalhar, quer ser voluntário no Zoológico, quer saber como isso funciona, como eles podem contribuir. Essa é uma forma de integrar a população a esse mundo que é o zoológico.

Temos 29 aprimorandos, em 12 áreas. O nosso programa de aprimoramento profissional é como se fosse uma residência, na área de biologia, veterinária, gestão ambiental e nutrição. As pessoas se formam na universidade, passam 2 ou 3 anos dentro do Zoológico e se qualificam para seguir carreira a área de meio ambiente.

Aqui são os números da qualificação profissional. Nós oferecemos um mestrado profissional em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, com, atualmente, 57 mestrandos já defendendo suas teses e inseridos no mercado de trabalho dentro da área ambiental. São 42 projetos em andamento, com 26 defesas realizadas, entre mestrado, doutorado e pós-doutorado ou pós-doc. Publicamos 23 artigos em revistas científicas internacionais, o mais recente na *Nature*. Isso mostra a permeabilidade que temos com relação à pesquisa científica dentro do que desenvolvemos.

Em termos de educação ambiental, houve 7.105 participantes de visitas monitoradas, que podem ser agendadas e são especificamente voltadas para programas de educação ambiental. Houve 1.736 participantes do nosso passeio noturno, em que se visitam os animais que têm hábitos noturnos, para conhecer toda a parte da fisiologia e da biologia deles, saber como se comportam naquele ambiente, já que a nossa visitação basicamente é diurna. Temos 123 professores participantes de projetos específicos na comunidade do Estado de São Paulo, nos Municípios agregados e vizinhanças.



Dentro do programa de educação para conservação, temos o CECFAU — Centro de Conservação de Fauna Silvestre do Estado de São Paulo, de que vou falar um pouco mais para frente. Uma das nossas respostas nessa área é um programa que implantamos agora, o Turminha da Conservação, mais voltado para crianças. Estes são os primeiros resultados dos animais ameaçados de extinção reproduzidos dentro do Centro de Conservação de Fauna, em São Paulo. O programa diz respeito à criação de personagens a serem utilizados como embaixadores dos grupos a que pertencem, para abordar os aspectos relativos à conservação da biodiversidade numa linguagem que as crianças possam entender e por meio da qual podemos mostrar como as espécies ameaçadas estão dentro do nosso País.

Com relação ao público visitante, em 2017, tivemos 1.127.495 visitantes. Parte de toda essa população que nos visitou foi de 53.134 alunos da rede pública e da rede particular. Isso acontece todos os dias, de segunda-feira a sexta-feira. No total, desde a nossa inauguração, em 1958, nós já tivemos 91.248.909 visitantes. Esses são números bastante expressivos.

Com relação a nossa permeabilidade a políticas públicas, o Zoológico de São Paulo participa efetivamente, na Secretaria do Meio Ambiente, da construção de políticas públicas. Nós integramos 26 grupos de trabalho na Secretaria, com participação efetiva nas questões de conservação. Finalizamos agora o decreto sobre a Política para Conservação da Fauna Silvestre Nativa no Estado de São Paulo, que, acreditamos, deve ser publicado em breve. Trata-se de um trabalho de 2 anos, feito em conjunto com o Zoológico e o pessoal da Secretaria. Estamos atualmente na coordenação do decreto sobre a fauna ameaçada do Estado de São Paulo, trabalhando, coordenando toda a avaliação das espécies ameaçadas no nosso Estado.

Com relação a outros números importantes e significativos, temos o nosso sistema de gestão ambiental certificado pela ISO 14000 e estamos a caminho da ISO 9000, com a integração entre elas. Temos o controle e monitoramento de 250 aspectos ambientais e seus 325 impactos avaliados nessa certificação. Desde a criação, passando por como a alimentação e sua distribuição são feitas, até a entrega de dejetos, tudo isso é avaliado dentro das questões da ISO. Os protocolos



e normas de procedimento operacional e administrativo, tudo é regrado pela ISO — e, pela ISO 14000, nós fomos recertificados pelo menos três vezes.

Dentro da própria certificação da ISO 9001, está a qualidade de gestão. Nós fizemos uma pesquisa recente com o nosso público, na qual tivemos a aprovação de 96,52% dos nossos visitantes para a visita ao Zoológico de São Paulo. Ao todo, 57,96% dos entrevistados disseram estar muito satisfeitos com a experiência que vivenciaram dentro do Zoológico. Ou seja, a resposta que nós temos é que eles saíram melhores do que entraram, com algum conhecimento, que é a base do que queremos transferir. Queremos trabalhar não só a pesquisa e a educação ambiental, mas também transferir conhecimento.

Dentro dos programas de conservação *ex situ*, nós do Zoológico já trabalhamos em programas de conservação desde a década de 80, que só reforçamos agregando outras espécies. Nós trabalhamos já na reprodução das três espécies de mico-leão no Brasil, com reprodução. O Zoológico de São Paulo é *co-keeper* no Brasil para as atividades *ex situ* das três espécies de mico-leão.

Nós trabalhamos com a *Scinax alcatraz* e com a arara-azul-de-lear, uma espécie extremamente ameaçada. Nós já estamos no décimo filhote nascido de arara-azul-de-lear. Em termos de programas de conservação, esses animais estão prontos para qualquer atividade que seja necessária para uma reintrodução, seja revigoramento genético ou demográfico. A população está para isso, o que mostra, mais uma vez, qual é a atividade que os zoológicos têm dentro da conservação.

Programas futuros. Cada espécie que existe no Zoológico de São Paulo passa por um plano de população institucional, passa por determinados critérios, por meio dos quais selecionamos em quais espécies vamos investir o nosso programa de conservação, em quem vamos realmente ter pernas para contribuir. Dentro desse sistema, estão o pato-mergulhão, que é a próxima espécie a ser trabalhada no programa de conservação, o cágado-de-hogei e o sagui-da-serra-escuro, o *Callithrix aurita*. Estas são espécies que estão dentro do programa de conservação do Zoológico de São Paulo.

Na conservação *in situ*, nós trabalhamos diretamente com parcerias. Atualmente nós estamos trabalhando, aqui no Cerrado goiano, com o cachorro-do-mato, a raposinha-do-campo, o tamanduá-bandeira, a onça-parda e o



lobo-guará. São ações de campo em parceria com as universidades, junto com o Programa de Conservação Mamíferos do Cerrado. Estamos trabalhando direto em campanhas. Aliás, uma delas terminou ontem. Foram 30 dias na natureza, coletando material biológico, todo tipo de material que pudesse ser usado para fazer pesquisa e fazendo um levantamento geral de como essas populações estão na natureza.

Na questão da pesquisa em saúde única, nós sabemos que temos um problema muito sério com a invasão de animais domésticos nas unidades de conservação, trazendo risco de saúde aos nossos animais silvestres. Então, também trabalhamos com animais domésticos para tentar levantar dados sanitários, dados sobre a sua saúde que possam influenciar os animais que estão dentro da unidade de conservação.

O Zoológico de São Paulo está inserido no Parque Estadual Fontes do Ipiranga, que é uma unidade de conservação estadual.

Nós trabalhamos especificamente com o projeto do bugio-ruivo e o projeto da preguiça-comum, a *Bradypus variegatus*.

Acho que vale a pena ressaltar a questão da febre amarela no Estado São Paulo. Nós estamos passando por uma situação bastante crítica, em que várias populações foram dizimadas na natureza. E hoje, com relação à chance de essas populações voltarem à natureza, elas estão *ex situ*. Temos populações *backups* estáveis, prontas para voltarem à natureza assim que houver um programa efetivamente feito para isso e assim que esse vírus parar de circular na região. No momento, essas populações não podem ser soltas, pois o vírus precisa parar de circular. Mas elas estão aí e já foram identificadas, e é preciso um levantamento específico de quem e onde os animais podem ser soltos.

Dentro do plano do Parque Estadual Fontes do Ipiranga, nós também fizemos levantamentos de avifauna, petofauna, mastofauna de toda a região do parque.

Em termos de pesquisa, nós temos um laboratório. O Zoológico de São Paulo, nesses 15 anos, investiu maciçamente em pesquisa, com parcerias com a UFSCAR, a USP, a UNIFESP. Nós temos hoje um laboratório pronto, rodando, com todas as amostras genéticas. Nós temos um banco genômico gigante, aberto para qualquer tipo de pesquisa que possa ser feita por pesquisadores nacionais e internacionais que se interessem em pesquisar animais silvestres. Esse banco está



disponível e vai seguir as regras da instituição com relação a projetos de pesquisa. Ele tem um material riquíssimo. Desde a parte sanitária até a parte de manejo, tudo que se precisar utilizar está lá nesse banco.

O laboratório roda sozinho e faz toda a avaliação e análise clínica sem precisar que nós acessemos as universidades. Rodamos todos os nossos exames dentro do nosso zoo. Microbiologia, biologia molecular, genética e reprodução assistida são linhas do nosso laboratório.

Hoje nós temos cinco parcerias, com a USP/ICB, a USP/IQ; o IAL; a UNIFESP; e o Hospital A.C. Camargo.

Vale a pena ressaltar o programa que temos com o Hospital A.C. Camargo. Trata-se de um estudo com relação a tumores em animais silvestres, no qual temos identificado, na natureza, um aumento significativo de animais silvestres apresentando tumores. Trabalhamos juntos com o A.C. Camargo para estabelecer um banco de tumores, de forma que, com a medicina preventiva, possamos eventualmente prever que os animais desenvolverão tais tumores. Acho que essa é uma parceria bastante importante.

Estamos agora com duas patentes em andamento. Uma delas, de microrganismos para despoluição de ambientes impactados, está para sair. A outra é de moléculas a partir de microrganismos, para determinação de doenças. Ou seja, quando você identifica um gene que vai evoluir para determinada doença, você pode identificar em que momento pode bloquear aquele gene, e ele não desenvolver a doença. Esses são projetos que estão sendo patenteados.

Só para finalizar — não sei quanto tempo tenho —, eu trouxe o nosso vídeo institucional, que gostaria de exibir para que todos vissem.

O Presidente Cláudio deve falar que, na verdade, só é possível essa guinada de 15 anos quando se tem envolvimento, quando se tem uma gestão adequada de recursos. Nada disso é feito sem recurso financeiro e sem recurso humano. De todo o recurso que o Zoológico de São Paulo recebe — o recurso geral vem da visitação —, 30% são destinados a esses programas de conservação *in situ*, *ex situ* e integrado.

Então, é possível, sim, os zoológicos precisam melhorar, sim. Acho que ninguém aqui da Mesa é a favor de zoológico ruim. O zoológico ruim tem que



melhorar. E aqueles que não puderem se adaptar, infelizmente, têm que fechar — acho que todos nós partilhamos dessa ideia. Mas, para o zoológico se levantar, temos grandes propostas, temos ideias e conceitos para mudá-lo efetivamente, para que possamos contribuir com essa conservação integrada.

Se puderem, podem passar o vídeo.

*(Exibição de vídeo.) (Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Augusto Carvalho) - Obrigado, Sra. Mara.

Quero registrar a presença do Deputado Joaquim Passarinho. Também o Deputado Goulart nos honra com sua presença.

Peço desculpas aos membros da Mesa e a todos os presentes, pois tenho uma audiência agora com o Presidente da Casa, o Rodrigo Maia, que está nos esperando. Vou pedir licença para me retirar, mas, em homenagem ao nosso paladino da luta em defesa dos animais, quero convidar o Deputado Ricardo Tripoli para presidir esta sessão. Não há outro melhor do que o Deputado Ricardo Tripoli, porque S.Exa. é um emblema da luta em defesa dos animais. *(Pausa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Tripoli) - Boa tarde a todos.

Queria agradecer ao nosso Presidente da Comissão de Meio Ambiente pela gentileza das palavras.

Darei continuidade, então, a esta audiência pública, que objetiva debater a proibição em todo o território nacional de zoológicos, aquários e parques que exponham animais silvestres, de iniciativa do nobre Deputado Stefano Aguiar.

Solicito que o Dr. Marcelo Szpilman, Presidente do Aquário Marinho do Rio de Janeiro — AquaRio, faça a sua exposição. S.Sa. tem o tempo disponível para sua exposição.

**O SR. MARCELO SZPILMAN** - Boa tarde a todos.

Meu nome é Marcelo Szpilman. Eu sou biólogo marinho formado pela UFRJ; tenho 5 livros publicados, sobre peixes, tubarões, arraias e outros seres marinhos; e, há mais de 30 anos, atuo protegendo e preservando baleias, golfinhos, tartarugas, tubarões e outros animais. Agradeço à Câmara a oportunidade de estar aqui dando o exemplo de um bom aquário no Brasil.

*(Segue-se exibição de imagens.)*



O Aquário Marinho do Rio de Janeiro é um equipamento verdadeiramente de nível internacional. Ele foi todo feito em acrílico, é todo iluminado em LED e não deve nada a nenhum aquário lá fora. Convido as pessoas que não o conhecem a fazê-lo, porque se trata de um equipamento muito interessante. E há outra coisa: ele é 100% privado, não existe 1 real público investido ou gasto nele. Trata-se de um equipamento com que sonhei, que idealizei e que realizei junto com três empresas privadas. Ele é o maior aquário da América do Sul.

O AquaRio fica na Zona Portuária, que, para quem não conhece, é uma região nova do Rio de Janeiro, onde está o famoso Boulevard Olímpico e o Museu do Amanhã.

O AquaRio é multifuncional, foi o primeiro aquário no mundo a ser idealizado para ser real e virtual ao mesmo tempo. Como aquário real, o AquaRio tem 28 recintos, num total de 4,5 milhões de litros de água. O maior recinto tem 3,5 milhões de litros de água e um túnel todo em acrílico passando por baixo, a 7 metros de profundidade. Nos 28 recintos, são 4.000 animais, de 300 espécies — só há peixes e invertebrados marinhos em exposição.

Este é o recinto oceânico, que tem 3,5 milhões de litros de água. Até o final deste ano, nós vamos dar oportunidade às pessoas de mergulharem com raias, peixes e tubarões. Esse é um papel que faço há 30 anos, de desmitificação dos tubarões, que são muito mal compreendidos e estão extremamente ameaçados. Eles precisam ser preservados, e, para isso, é preciso desmistificar esses animais, mostrar a sua importância e aproximá-los das pessoas. Como Cousteau dizia, você não preserva aquilo que não conhece. Então, quando alguém mergulha com tubarões, além do mergulhador, quem está vendo percebe que o tubarão é um peixe como outro qualquer e não oferece nenhuma ameaça. Eu mergulho com tubarões no mundo todo, já mergulhei com quase todos, sem gaiola, sem nenhum problema. Existe todo um mito sobre isso, que é outro assunto.

Também os tanques de toque aproximam as pessoas, desmistificam, dão às crianças e aos jovens a oportunidade de entenderem a beleza desses animais, de parar de ter medo ou qualquer coisa parecida. Então, mergulhar e interagir com esses animais é muito interessante.



O AquaRio, como aquário virtual, cria um peixe virtual que acompanha você assim que se inicia a visita, um peixe virtual que interage com você. Há também a realidade aumentada, por meio da qual você tem, na sua mão, animais marinhos nos quais aparecem o esqueleto e os órgãos internos. Então, as crianças têm oportunidade de ter uma aula de biologia com realidade aumentada, um complemento da informação, um complemento da educação. Há ainda um guia de tubarões, mais uma vez falando um pouco da questão desses animais.

Chegamos agora ao ponto que nos leva a esta audiência. No meu entendimento, todo bom aquário e todo bom zoológico têm que estar focados neste tripé: educação, pesquisa e conservação. Aliás, vou abrir um parêntese aqui: eu também, assim como a Mara, sou terminantemente contra zoológicos e aquários ruins, como sou contra hospitais, escolas e universidades ruins. Não faz o mínimo sentido você pensar em fechar todos os zoológicos e aquários em função daqueles que fazem um trabalho ruim. Se formos pensar nessa linha, deveremos fechar todos os hospitais, todas as escolas e todas as universidades que existem, porque há aqueles que prestam um trabalho ruim para a sociedade. O que se tem que fazer é determinar que quem for ruim tenha que melhorar. E a sociedade, sim, tem que estabelecer o padrão de excelência que quer para zoológicos e aquários. Aqueles que não conseguirem ou não quiserem chegar a esse padrão têm que ser fechados com certeza, como acontece com qualquer um. Em qualquer profissão, há aqueles que trabalham bem e há aqueles que trabalham mal. Então, quem trabalha bem não pode ser punido em função daquele que trabalha mal. Acho que a grande discussão aqui é esta.

O AquaRio, como todo bom aquário-zoológico, presta o seu papel, tem foco verdadeiramente, que existe desde que o idealizei, há 12 anos. E hoje ele é muito melhor do que eu mesmo imaginava que seria. Vou mostrar a vocês por quê.

Educação ambiental. Recebemos de 1.000 a 1.500 crianças todos os dias. E vejam só: o AquaRio é 100% privado, mas todas as crianças da rede pública entram de graça. Uma das coisas que mais me empolga é ver essa turminha, como a que está na foto, vendo uma realidade aumentada, tendo aula de biologia com realidade aumentada. São crianças que, muitas vezes, não nascem com iPads como as nossas crianças, não têm oportunidade.



Vou contar a vocês uma história real, sobre um rapaz chamado Jean-Luc Martinez, na década de 70, na periferia de Paris, cuja mãe era zeladora e cujo pai era carteiro. Ele nunca tinha pisado num museu até os 11 anos de idade, quando, numa visita escolar — como as muitas que zoológicos e aquários recebem —, teve a oportunidade de ir ao Louvre. Quando ele entrou, olhou e disse para si mesmo: “*É aqui que eu quero trabalhar. É isso que eu quero fazer da minha vida*”. E hoje, desde 2013, ele é o Diretor-Presidente do Louvre.

Então, nós mostramos que é possível sonhar e é possível realizar. Não é algo impossível, embora, é lógico, seja duro. Mas se trata do poder de transformação, do clique. Eu acho que, no Rio de Janeiro, vamos ter um *boom* de biólogos marinhos em função do Aquário Marinho do Rio de Janeiro, que está mostrando a beleza do ecossistema e a importância de preservá-lo. É isto que fazemos com essas crianças: além da educação formal e não formal, elas param para ter aulas sobre os animais e recebem cartilhas educativas depois.

Este é mais um exemplo das campanhas que fazemos no AquaRio. Fizemos agora a campanha Seu Lixo Meu, usando um ser marinho que as crianças conhecem bem: as sereias. Nós dissemos para elas que as sereias também estão morrendo em função do lixo descartado de forma incorreta, como vimos fazendo há muitos anos. Sobre isso, o AquaRio e outros parques do Grupo Cataratas acabaram de estabelecer que não vão mais usar canudos plásticos, copos plásticos, etc.

Acabamos de fazer agora a Campanha Nacional de Consumo Responsável dos Recursos Pesqueiros. Não sei se os senhores sabem, mas 80% dos peixes que comemos estão em declínio, muitos de forma bastante acentuada. Podemos discutir depois os motivos disso, mas é uma realidade. Qualquer pescador vai dizer que, há 20 anos, pescava muito mais do que pesca hoje. Então, essa é mais uma responsabilidade do AquaRio, já que 80% a 90% dos peixes invertebrados que lá existem são os mesmos que todos nós comemos e que são pescados aos milhares todos os dias. Nós fazemos um trabalho sério com esses animais.

Pesquisa científica. Nós temos parcerias com as principais universidades do Rio de Janeiro: UFRJ, UERJ, Santa Úrsula, UFF. O AquaRio investe uma parte de seu faturamento em pesquisas sérias e relevantes para o planeta. Nós temos o



Conselho de Pesquisa Científica, que definiu como primeiro item que a pesquisa tenha que ser original, não repita o que outros já fizeram.

Nós só estamos fazendo isso há 1 ano e meio; já foram feitas 20 pesquisas científicas inéditas no mundo; 5 trabalhos científicos já foram publicados nas principais revistas internacionais. E uma pesquisa, para deter o branqueamento dos corais foi considerada com o maior potencial de ser aplicada na natureza em médio e curto prazo. É uma pesquisa inédita, a única abordagem que está dando certo no mundo todo. Já publicamos o nosso trabalho, e o mundo todo está usando hoje o trabalho que é feito no Aquário Marinho do Rio de Janeiro. Isso nunca seria possível se não houvesse o AquaRio, porque a pesquisa precisa ser feita num local fechado.

Temos doutorandos e pós-doutorandos, vários pesquisadores fazendo pesquisas e trabalhando, estudantes aprendendo a fazer pesquisa. Eu acho que isso é importantíssimo, uma coisa que não existia no Rio de Janeiro. Eu estudei na UFRJ e hoje vejo dezenas de alunos da universidade todos os dias, visitando o AquaRio e aprendendo. Eu não tive essa oportunidade, que acho que é importantíssima para os alunos.

Conservação da biodiversidade. Nós temos vários animais em risco de extinção. Quanto ao tubarão-lixia, nós vamos trazer agora dois machos para tentar reproduzi-los com a fêmea. Quanto ao tubarão-mangona, uma das espécies mais ameaçadas do mundo, trouxemos dois machos para tentar fazê-los reproduzir com a fêmea — se conseguirmos, será a primeira reprodução em cativeiro dessa espécie. Já reproduzimos raia-borboleta, raia-viola, raia-manteiga, raia-prego, todas sendo reproduzidas em cativeiro, no Aquário Marinho do Rio de Janeiro. Reproduzimos cioba, badejo-quadrado e cavalo-marinho. Estamos tentando reproduzir a garoupa-verdadeira, da qual já se faz reprodução em outros lugares.

Aqui eu tenho alguns números do AquaRio: 1.400.000 mil visitantes no primeiro ano; 100.000 alunos; 10.000 integrantes das Forças de Segurança entrando de graça; 8.000 crianças e adultos carentes entrando de graça; 1.200 crianças autistas na nossa sessão azul, que abrimos todos os meses, para que as crianças possam, num ambiente claro, visitar o Aquário; 700 filhotes nascidos por reprodução completa.



O AquaRio foi a primeira instituição no Brasil a ter certificação em bem-estar animal, concedida pela Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil e pela Wild Welfare, uma instituição britânica que certifica aquários e zoológicos de todo o mundo todo na área de bem-estar animal.

Esse é um grande exemplo do que deve ser feito. O Aquário já foi construído com esse pensamento, tanto é que — não posso nem mentir, porque há pessoas entendidas aqui — não havia praticamente nada a ser corrigido para que ele se adequasse a essa certificação. Ele já nasceu com essa filosofia, e é assim que tem que ser.

O AquaRio dá um grande exemplo de sustentabilidade para o Rio de Janeiro e para o Brasil. É o maior projeto de energia solar do Estado e o maior projeto de energia solar do País em área urbana. Nós já produzimos 30% da energia que consumimos. São 6 mil metros de placas solares produzindo energia solar. Não existe nada igual no Brasil. Este é mais um exemplo.

Agora outra empresa acabou de lançar o segundo maior projeto disso. Tomara que eles nos passem, porque esse é o caminho. Mas este é um grande exemplo do AquaRio.

Tenho mais 1 minuto. Beleza! Vou gastar este meu tempo.

Acho que vale a pena citar aqui outro exemplo. O Zoológico do Rio de Janeiro, até pouco tempo atrás, era um péssimo exemplo e até fechou por isso. Atualmente o Grupo Cataratas, que é meu parceiro e faz a gestão financeira e operacional no AquaRio, ganhou a cessão do Zoológico. E eu não tenho alguma de que ele vai fazer com que o Zoológico do Rio de Janeiro se torne um grande modelo para o Brasil e para o mundo de como se consegue reverter um péssimo exemplo num ótimo exemplo de conservação, de educação, etc.

O Fernando, do Grupo Cataratas, está aqui. Quer falar alguma coisa, Fernando? *(Pausa.)* Na próxima? Então, está bem.

Muito obrigado, senhores. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado pela explanação.



Chamamos agora o Sr. Ugo Eichler Vercillo, Diretor do Departamento de Conservação e Manejo de Espécies da Secretaria de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente.

V.Exa. quer falar antes, Deputado Goulart, como autor do projeto de lei?

**O SR. DEPUTADO GOULART** - Com a sua anuência. Provavelmente, haverá a votação do relatório do Código de Processo Penal, e eu sou membro daquela Comissão.

Eu quero cumprimentar a todos. Sou o autor do projeto de lei.

Acho que esta audiência pública acontece, principalmente, devido a um encontro que tivemos com o ex-Deputado Sciarra, do Paraná, nosso parceiro de partido.

Todos devem ter a sensibilidade de saber por que apresentei o projeto. É evidente que não pode pagar o inocente pelo pecador, mas eu tenho um trabalho voltado para a questão da proteção animal, que está longe do trabalho do Deputado Tripoli, o meu colega — fomos colegas como Vereadores de São Paulo —, e do outro Tripoli, irmão dele, que hoje é Deputado Estadual. O meu filho é Vereador de São Paulo e veterinário. Nós temos todo um trabalho voltado para a proteção animal.

No início da sua fala, Marcelo, você falou de Jacques Cousteau. Ao lado da minha casa, há um viveiro de plantas, que na realidade é um santuário. E logo que ele faleceu, eu homenageei a sua memória, dando o nome dele ao viveiro. Temos um exemplo lá de viveiro de plantas e de convivência daquela comunidade. Fica perto do Autódromo de Interlagos e da Represa de Guarapiranga. Ele leva o nome de Jacques Cousteau.

Mas foi por causa dos maus exemplos que nós propusemos os projetos. Quantos milhões de animais são mortos no circo? Graças a uma luta muito grande, da qual o Deputado Tripoli participou muito, nós conseguimos evitar que os animais fossem utilizados nos circos. Há alguns zoológicos que usam os animais tal qual são utilizados no circo. Vemos muitos animais morrerem com depressão.

Nós temos uma série de bons exemplos também. Acho que foi muito importante ter mobilizado as pessoas do bem em torno desta causa. Espero que o



Relator consiga, com a *expertise* que tem, exemplos como os que certamente serão mostrados aqui hoje.

Acho que houve uma falha no convite para a audiência, elaborado pelo nosso amigo Deputado Stefano Aguiar, do meu partido também: não foram convidadas as entidades protetoras de animais. Nós faríamos isso também em outra Comissão. Acho que seria muito importante ouvir as pessoas diretamente ligadas aos zoológicos e aos aquários, juntamente com representantes de entidades protetoras.

Quem sabe nós avançamos no projeto, para que haja o acompanhamento de entidades protetoras sérias? Porque existem também entidades protetoras que dão exemplos terríveis, como uma que trabalha com macacos, com primatas, que quer transformar o primata em vegano, que judia muito do animal e o leva para passear de carro na cidade. Há exemplos terríveis de todos os lados.

Eu acredito que o Relator deste projeto aqui na Comissão de mérito terá a sensibilidade de, juntamente com os senhores que estão aqui hoje debatendo e junto com as entidades protetoras, criar um mecanismo de fiscalização.

Há exemplos maravilhosos. Eu nasci na Serra da Canastra, em Minas Gerais. Lá existe um projeto de reintrodução de lobos cujos pais morreram ou estão perdidos em algum lugar. São várias iniciativas muito importantes que conhecemos.

Acho que, com a colaboração e com a sensibilidade dos senhores, e ouvindo aqui as entidades protetoras, poderemos criar um substitutivo que mude a cara do projeto.

Eu quis chamar, sim, a atenção. Acho que foi muito importante. Tudo aquilo que nós pudermos fazer para que mais nenhum animal seja usado para arrecadação de dinheiro, pura e simplesmente, vamos fazer. Não só eu. Acho que há aqui Deputados mais credenciados do que eu para essa luta. Foi uma luta em conjunto.

Eu tenho a certeza de que há muitas iniciativas como essas lá do Paraná e do Rio de Janeiro. Recebi no meu escritório político anteontem, através do Gabriel, representantes de uma ONG que trabalha com a reintrodução na natureza do papagaio de peito roxo, se não me engano. Eu sou daltônico, não gosto do verde — Tripoli sabe por quê. Há um time de futebol de São Paulo, cujo nome não gosto de falar. (*Risos.*) Enfim, achei aquele projeto fantástico.



Se conseguirmos unir essas experiências fantásticas, como é o caso do trabalho feito com as tartarugas e vários outros animais, e nos unir, poderemos evitar que esse tipo de coisa ocorra.

Havia um trabalho na Zona Sul de São Paulo na época em que ainda se utilizavam leões no circo, e um leão comeu o braço de um garoto. Ele ficava ali na grade, sem nenhuma proteção. Enfim, a questão do circo está resolvida, mas, nos zoológicos, ainda há muitos problemas a serem resolvidos. Existem experiências fantásticas — e esperamos que todas as experiências sejam como essas —, mas, infelizmente, salvo engano, no ano de 2016, 950 mil animais morreram em zoológicos. Não morreram por idade, morreram por causa de maus-tratos.

Eu quero ser útil, para que nós possamos construir esse relatório juntos. É muito louvável que existam entidades que preservam as espécies, que dão a possibilidade de sobreviver a algumas espécies, com as quais, infelizmente, o ser humano está acabando. Contem com o meu mandato. Certamente, o Deputado Ricardo Tripoli poderá colaborar muito com isso, assim como o Deputado Ricardo Izar, outro defensor da causa, e outros Deputados que fazem esse trabalho em conjunto.

Acho que juntos, a várias mãos, podemos melhorar a ideia da proteção dos animais.

**O SR. MARCELO SZPILMAN** - O senhor me permite concordar com o senhor? Cem por cento. Eu acho que todos nós somos protetores dos animais. Eu sou protetor dos animais há 30 anos. E o objetivo é exatamente o mesmo: dar dignidade, dar bem-estar aos animais de forma correta, para a educação, para a ciência, esse tipo de coisa.

Então, acho que levantar esse tema é muito importante também para elevarmos o sarrafo. Quer dizer, para botarmos no nível excelente. Todos têm que estar no nível excelente. Se não estiver no nível excelente, se não quiser chegar a esse nível excelente, não pode continuar existindo.

Então, eu concordo 100%.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Tripoli) - Eu queria agradecer ao Deputado Goulart pela sua intervenção. Ele é autor do Projeto de Lei nº 6.432, de 2016, e há muito tempo vem lutando para que seja feita uma reorganização no setor.



Eu acho extremamente importante a colocação do Deputado Goulart. Esta Mesa é basicamente favorável à manutenção dos aquários e dos zoológicos. Seria importante realizar uma audiência pública, como V.Exa. propõe, em que o outro lado, o das chamadas ONGs ou organizações sociais, debata e também exponha as suas posições, até porque isso vai esclarecer o Relator, para que, obviamente, ao término desses debates, dessas audiências públicas, possa formar juízo e submetê-lo à deliberação dos membros desta Comissão de Meio Ambiente.

Quero lembrar, porque volta e meia nos revezamos aqui, que há um problema sério na Câmara Federal: uma audiência pública atrás da outra. Está havendo a audiência sobre o agrotóxico aqui do lado; está havendo uma audiência na Comissão de Constituição e Justiça, no Plenário 2; e está havendo uma audiência sobre licitações aqui ao lado. Como os Deputados participam de várias atividades, é muito comum essa correria nossa para tentar atender a todas as audiências. É bem verdade que às vezes ocorre uma única, mas há dias em que ocorrem três, quatro ao mesmo tempo. E o Deputado tem que, obviamente, percorrer todas elas. Por isso esse revezamento que fazemos aqui na Mesa.

Tem a palavra agora o Sr. Ugo Eichler Vercillo, Diretor do Departamento de Conservação e Manejo de Espécies da Secretaria de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente — MMA, para fazer a sua exposição.

**O SR. UGO EICHLER VERCILLO** - Obrigado.

Boa tarde a todos.

É uma pena que o Deputado Goulart tenha acabado de sair. Ele citou o número de 950 mil animais mortos em zoológicos e aquários. Vamos ver uma apresentação bem detalhada mais à frente, mas, salvo engano, o número de animais em zoológicos do Brasil inteiro é de 65 mil. É impossível que 950 mil animais morram por ano nos zoológicos, se temos nos zoológicos algo em torno de 65 mil animais.

Alguns números que aparecem, alguns dados que surgem no debate não têm qualquer fundamentação. Com base neles não podemos de fato aprofundar o debate.

Desculpem-me começar comentando isso, mas me chamou a atenção um número tão astronômico para o universo que temos. Não encaixa.



Acho que a Câmara de Deputados é uma casa muito importante para o debate do futuro do nosso País, das ações de fato relevantes, para avançarmos. Isso tem que ser feito realmente com informação, e não com o coração. Temos que buscar a razão para tomar a decisão, não podemos simplesmente seguir uma paixão. A paixão move montanhas, mas às vezes as derruba, e não há como avançar. Em nome do Ministério do Meio Ambiente, queria agradecer o convite para esta audiência.

Quero destacar que o Brasil é o País número um em biodiversidade, tanto de plantas quanto de animais. Somente em relação a animais, incluindo tanto invertebrados quanto vertebrados, existem mais de cem mil espécimes no nosso Brasil. E essas espécies estão sujeitas a vários usos e pressões. Lista publicada em 2014 aponta 1.173 espécies ameaçadas de extinção.

São várias as causas, vários fatores, como perda de habitat, extração ilegal, tráfico de animais, espécimes invasores. Temos que buscar uma forma de combatê-los.

Para isso, o Ministério estabeleceu em 2014 o Projeto Estratégia Nacional Para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção, conhecido como Pró-Espécies. Esse projeto está acoplado a uma estratégia nacional para conservação de espécies. Essa estratégia prevê ações que vão desde a conservação *in situ*, trabalhos de conservação da natureza que são conhecidos por todos, como o Projeto Tamar, que atua na conservação de tartarugas marinhas na praia, protegendo os ninhos, fazendo o monitoramento das tartarugas, até projetos com cetáceos. Há projetos em campo com onças, com micos-leões. Além disso, as Unidades de Conservação são ações práticas para a conservação *in situ*. E há pesquisas realizadas no Brasil inteiro.

Cito ainda um componente importantíssimo na estratégia: a conservação *ex situ*. A conservação *ex situ* não vem só do interesse nacional. Na verdade, a conservação *ex situ* é uma ferramenta reconhecida por todos os mecanismos globais voltados para a conservação. A própria IUCN, a União Internacional para Conservação da Natureza, aponta nas suas orientações, nas suas *guidelines* para conservação, o uso da ferramenta de conservação *ex situ* como estratégia para proteção das espécies. Isso está referendado até mesmo na Convenção da



Diversidade Biológica, que trata especificamente da conservação *ex situ* como uma ferramenta para conservação.

E o trabalho de conservação *ex situ* contribui diretamente para o Plano Estratégico para a Biodiversidade. O plano foi elaborado em 2010. Traz estratégias para o período de 2011 a 2020 e traz 20 metas, as conhecidas 20 Metas de Aichi. Dentre elas, eu queria chamar a atenção para algumas que estão diretamente relacionadas ao produto do trabalho feito pelos zoológicos.

A Meta 1 fala do conhecimento, do aumento da sensibilização da população global sobre a biodiversidade. Nada contribui mais para esse processo quanto conhecer para proteger. E aí temos as Unidades de Conservação como uma ferramenta super-relevante, em que as pessoas têm a capacidade de fazer o conhecimento *in situ* daquele ambiente, e temos os zoológicos como uma ferramenta fundamental para propiciar uma visão um pouco mais clara por parte daqueles que não podem se deslocar até o Pico da Neblina para conhecer um pouco mais sobre o que estamos falando de biodiversidade.

A Meta 2 fala exatamente da integração dos valores da biodiversidade no nosso conhecimento. Mais uma vez, é importante esse trabalho de sociabilização que é feito nos zoológicos. Não se trata somente de ver o animal. Quando visitamos um zoológico ou um aquário, como o AquaRio ou o Zoológico de São Paulo, obtemos conhecimento sobre o animal em si e sobre o papel dele no ambiente, sobre como ele dialoga ali, sobre as suas interações, sobre a sua importância. Esse tipo de conhecimento a criança leva para a vida toda. Isso é mais do que ver o animal. É ver o animal e entender o que ele faz. Acho que esse é um papel fundamental que os zoológicos exercem muito bem.

A terceira meta para a qual chamo a atenção é a Meta 12, sobre a prevenção da extinção de espécies e a recuperação daquelas espécies mais ameaçadas.

Aqui volto a elogiar o trabalho feito em alguns zoológicos, não só do Brasil, como também do mundo, que permitiram a recuperação de várias populações. Se hoje temos o mico-leão-dourado em uma população com mais de 2 mil animais na natureza, isso foi graças a um trabalho feito por várias organizações de zoológicos do mundo, que se uniram, acima de qualquer governo, acima de qualquer interesse individual, para promover a integração de esforços, o intercâmbio de animais, para



terem animais geneticamente saudáveis que pudessem ser reintroduzidos no ambiente natural. E a população está sendo reestruturada. Estamos trabalhando agora na conectividade das duas áreas protegidas que existem na região, para permitir que essas populações sejam estáveis no futuro.

Outra meta que está também associada — e poucas pessoas observam isto — é a que está ligada também não só à parte da conservação pura e natural de que estamos falando, mas também à conservação que traz um benefício inclusive econômico, quando falamos da conservação da diversidade genética de espécies. Não falo só de espécies selvagens em si, mas também das espécies selvagens que têm genes que deram origem a espécies domesticadas. Esses genes são superimportantes, por exemplo, para serem resgatados em momentos em que há crises ou depressões de populações domesticadas de animais de produção ou mesmo de plantas. Pode ser muito importante esse tipo de ferramenta, de *backup* genético, para estruturar e reestruturar populações.

As duas metas finais também dialogam exatamente com o que estávamos falando aqui. São as Metas de Aichi 19 e 20. A Meta 19 trata do conhecimento científico. Eu vou falar depois da apresentação que a Mara fez sobre desenvolvimento de tecnologia com patentes por um zoológico. Isso já demonstra o quanto um zoológico serve para a promoção do conhecimento científico.

Muito embora o Ministério do Meio Ambiente faça um esforço muito grande para ampliar os recursos destinados à biodiversidade, honestamente — e todo mundo deve saber disto aqui —, o recurso destinado à conservação do meio ambiente é mínimo. É um quinto ou um décimo do que deveria ser. Não temos, de fato, condições de aplicar os recursos necessários para a conservação das espécies. Então, ter ferramentas que consigam integrar a conservação, a geração do conhecimento e a captação de recursos para a conservação é fundamental. Se não fosse o trabalho feito pelos zoológicos mundo afora para angariar recursos para viabilizar a recuperação do mico-leão-dourado, ele não estaria de volta na natureza. Então, é importante, sim, esse trabalho de conectar o interesse da comunidade na conservação. Temos que buscar esse arranjo. Isso tem que gerar frutos e produtos para a conservação da biodiversidade, que é o nosso objetivo principal.



Nessa estratégia de ampliar a conservação, de melhorar o tema da conservação da biodiversidade e a atuação da conservação *ex situ* no Brasil, o Ministério do Meio Ambiente, por meio do CONAMA — Conselho Nacional do Meio Ambiente, tem atuado na elaboração de várias resoluções. Hoje mesmo houve uma reunião da Câmara Técnica de Conservação e Biodiversidade, em que tratamos de vários assuntos. O primeiro assunto foi a padronização de um modelo de marcação que garanta a segurança de que os animais oriundos do tráfico não estão entrando ou vindo de zoológicos, e, sim, que só animais reproduzidos em cativeiro devidamente estejam no processo.

O segundo tema de que tratamos no CONAMA — já na fase final de aprovação — são os tipos de empreendimentos de conservação *ex situ* de animais silvestres. Trabalhamos com zoológicos e criadouros conservacionistas.

Estamos agora debatendo no CONAMA a Lista PET e ainda avançamos em outros temas relacionados à conservação *ex situ*, incluída a criação de meliponíneos, aquelas abelhas sem ferrão.

Avançando então nesse tema de conservação *ex situ* e reconhecendo o esforço não só dos zoológicos, como também de instituições individuais, reconhecendo o esforço da Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil, tivemos o prazer, neste ano, de assinar um acordo de cooperação técnica com a sociedade e o ICMBio, no qual vislumbramos uma integração de esforços para fazer o melhor manejo de espécies ameaçadas de extinção.

Como eu falei no começo, há 1.173 espécies ameaçadas de extinção no Brasil, sendo que 75% delas estão em mecanismos de conservação, mas várias ainda estão em situação muito depauperadas na natureza e dependem de um *pool* genético ou podem vir a depender de um *pool* genético. Os zoológicos podem desenvolver um papel muito importante nesse sentido. Inclusive, o caso da arara-azul-de-lear é um exemplo claro disso. Já temos dez filhotes no Zoológico de São Paulo.

Estamos com um programa criado recentemente no Boqueirão da Onça. Em uma área de um parque nacional, vamos reintroduzir uma possível população de arara-azul-de-lear. Se conseguirmos introduzi-la com sucesso e estabelecermos essa população no Boqueirão da Onça e no Raso da Catarina, em um futuro



próximo, o Brasil vai ser capaz de retirar essa espécie do risco de extinção. É mais um passo na direção da proteção dessas espécies.

Para garantir isso, firmamos esse acordo em que o Ministério do Meio Ambiente vai reconhecer, dentro da Estratégia Nacional para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção, os esforços promovidos pelos zoológicos para a conservação.

Eu quero destacar, mais uma vez, o papel fundamental da sociedade nesse trabalho de congregação com os zoológicos, para trabalharmos juntos. É preciso fazer o intercâmbio de animais para termos uma melhor genética de espécies e populações saudáveis, para, quando for preciso, serem reintroduzidas na natureza ou ser ampliado o *pool* genético de espécies silvestres.

Acho que esse acordo chama a atenção para o que eu apelido de “virada dos zoológicos”, conforme aprendemos hoje, tanto na apresentação do Szpilman quanto na apresentação da Mara. Trata-se de um zoológico diferente daquele da década de 50, que era uma exposição de animais em gaiolas. Agora há um centro de formação de conhecimento e educação para a conservação.

Eu reitero o discurso feito pelos colegas que me antecederam: zoológico que não cuida bem dos animais, que não busca a conservação e que não trabalha voltado para a pesquisa e para a civilização não deve existir. Precisamos incentivar os zoológicos a terem capacidade para gerar conhecimento, sensibilizar a população e comunicar, de forma adequada, a todos os visitantes qual é a importância daquelas espécies, não como um animal de estimação, mas, sim, como um elemento importante do ecossistema. Isso irá contribuir para programas de conservação.

Há, realmente, uma redução significativa do *habitat* não só no Brasil, mas no mundo inteiro. A existência de populações geneticamente saudáveis em zoológicos tem, sim, uma significância muito alta para manter a conservação das espécies.

Eu quero encerrar a minha fala agradecendo, mais uma vez, a oportunidade e enaltecendo o trabalho que os zoológicos têm feito. Coloco à disposição todo o apoio do Ministério do Meio Ambiente, para que tenhamos um debate claro e consistente em números. Temos, realmente, uma responsabilidade muito grande sobre a fauna de animais silvestres. Esses animais têm que ser mantidos com



qualidade e saúde, porque o papel deles não é ficar exposto em uma vitrine, mas, sim, contribuir para a conservação.

Obrigado.

Boa tarde. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sr. Ugo Vercillo, representante do Ministério do Meio Ambiente.

Registro a presença do Deputado Hugo Leal, companheiro e amigo do Rio de Janeiro e também do meu partido.

Passo a palavra ao Sr. Cláudio Hermes Maas.

**O SR. CLÁUDIO HERMES MAAS** - Boa tarde a todos.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer à Câmara dos Deputados, especialmente ao Deputado Stefano Aguiar, a realização deste debate.

Como Presidente da Sociedade de Zoológicos do Brasil, no momento eu gostaria de dizer, Deputado Ricardo Tripoli, que estamos totalmente abertos e queremos cooperar para que o Brasil tenha só instituições excelentes, não instituições médias ou ruins.

Vou pautar a minha apresentação em números da comunidade zoológica brasileira a respeito do nosso impacto, da nossa função e do que nós realizamos nos últimos anos, em especial no ano passado.

Acho que são muito importantes esses números, Ugo. Como você muito bem colocou, há um universo de animais com que trabalhamos. Esses números podem ser verificados a partir da hora em que se analisam, nos órgãos de controle — no caso, as Secretarias de Estado do Meio Ambiente e o IBAMA —, os censos dos anos anteriores, que são baseados em dados que nós, nas instituições, somos obrigados a encaminhar. Então, não temos esse universo tão grande como o mencionado anteriormente.

(*Segue-se exibição de imagens.*)

Rapidamente informo que a Sociedade de Zoológicos, recentemente denominada Associação de Zoológicos e Aquários do Brasil, foi fundada em 1977 e, desde a sua fundação, vem atuando na integração e representação dos zoológicos.

Essa entidade atua na conservação *ex situ* através de relações com o Governo e com outras entidades de zoológicos e aquários do mundo, realiza



campanhas nacionais e internacionais de educação para a conservação, sempre buscando a conservação da biodiversidade *in situ* — tem relação com projetos *in situ* —, a modernização e a melhoria contínua dos zoológicos e a capacitação de pessoal técnico e administrativo dos zoológicos e aquários brasileiros.

O Brasil tem alguns compromissos. Não vou repeti-los, pois o Ugo os colocou muito bem. O Brasil é signatário da Agenda 21 Global e também da Convenção sobre Biodiversidade Biológica. Dentro desses documentos, os zoológicos e os aquários exercem papéis importantes: são bancos genéticos, são centros de educação ambiental e são estratégias para o desenvolvimento sustentável. O Brasil é signatário desses documentos.

Quem são os zoológicos brasileiros? Quem são os aquários brasileiros? Atualmente, 55% das instituições estão ligadas ao poder público, 23% à iniciativa privada, 10% a fundações, 5% ao Estado, 3% a autarquias e 2% ao ente federal e a ONGs. Então, grande parcela das instituições é vinculada ao poder público — Municípios e Estados.

Dessas instituições, 55% hoje cobram algum tipo de tarifa, algum tipo de ingresso, e 45% não cobram. Esse número é muito importante, porque mostra que, nos últimos anos, houve um avanço para a busca da autonomia financeira, ou seja, a desvinculação dos mantenedores, o que é importante. Há 5 anos, 85% eram totalmente dependentes, e hoje 45% são dependentes. Então, houve uma mudança muito forte nesse sentido. A sociedade vem trabalhando para que as instituições tenham autonomia e consigam produzir seus resultados sem depender diretamente do ente público.

Nós temos hoje 3.556 pessoas trabalhando nos zoológicos e aquários brasileiros: estagiários, técnicos, pessoal do operacional, pessoal da administração e equipe de manutenção. Esse é o número de famílias que vão ser diretamente impactadas com o fechamento das instituições. Vamos perder toda uma *expertise* construída e adquirida durante todos esses anos nessas instituições, que são de fundamental importância para a conservação de qualquer espécie.

Entrando já nas funções do zoológico, eu vou citar as três principais. Eu gostaria de falar para V.Exas. da conservação da biodiversidade, da geração de recursos para a conservação e da pesquisa científica.



No ano passado, zoológicos e aquários brasileiros destinaram 28 milhões de reais para pesquisa e conservação *in situ* e *ex situ*. Essa foi a nossa contribuição. Atualmente, mantemos 41 programas de manejo cooperativo com instituições internacionais, com associações de zoológicos dos Estados Unidos, da Europa, da América Latina e com a associação mundial de zoológicos.

Então, temos uma relação extremamente forte, extremamente importante com essas e outras entidades. Isso é de fundamental importância quando falamos de conservação *ex situ*, em que se mantém uma população que tem diversidade genética e o objetivo é mantê-la ao longo do tempo. Precisamos integrar todas essas populações. Isso é feito inclusive no Brasil. Há 41 programas de manejo cooperativo com a participação de instituições brasileiras.

Também já foi mencionado aqui que, neste ano, houve um fato muito importante para a comunidade zoológica brasileira, o Ministério do Meio Ambiente e o ICMBio: além desses 41 programas já existentes, foi firmado um termo de cooperação técnica que visa implementar 25 programas focados em espécies brasileiras. Em sociedade com o ICMBio, vão elaborar, implantar, manter e coordenar programas de manejo *ex situ* de espécies ameaçadas, conforme o termo publicado.

Quem são esses animais? São os mamíferos. Estão representadas todas as espécies de mamíferos. Essas imagens são de todas as espécies de mamíferos com que vamos trabalhar. Essas espécies estão em perigo de extinção. O sauí-de-coleira está criticamente ameaçado. As seguintes espécies estão em perigo de extinção ou vulneráveis: macaco-aranha-de-testa-branca, cachorro-vinagre, macaco-prego-do-peito-amarelo, sauí-de-coleira, muriqui-do-sul, mico-leão-de-cara-dourada, sagui-da-serra-escuro, lobo-guará, tamanduá-bandeira, onça-pintada e cervo-do-pantanal.

Nós temos aves criticamente ameaçadas, em perigo e vulneráveis. São elas: ararajuba, jacutinga, cardeal-amarelo, pato-mergulhão, jacucaca e jandaia-sol. O único lugar do mundo em que o pato-mergulhão é mantido e reproduz é um zoológico do Brasil, que desenvolveu toda técnica de manejo para a alimentação desses animais e desenvolveu toda a técnica necessária para que esse animal faça a nidificação, os ovos sejam fecundados e os filhotes nasçam.



Então, esse conhecimento é fundamental para qualquer estratégia de conservação futura dessa ave. Esse conhecimento nós já desenvolvemos. Agora, vamos ampliar esse processo criando uma população *backup*, que é de extrema importância. Essa é a contribuição de um zoológico. Se esse zoológico não existisse, por uma questão ideológica distinta, nós não teríamos esse conhecimento.

Aqui estão três grandes desafios no caso da herpetofauna. Eu vou falar um pouco do cágado-de-hogei. Essa espécie está criticamente ameaçada. Não existe nenhum animal dessa espécie mantido num ambiente *ex situ*. Existem menos de 400 cágados dessa espécie no ambiente natural. Se esses animais não forem levados para um ambiente *ex situ* e se não for desenvolvido um trabalho similar ao do pato-mergulhão, em pouco tempo eles vão desaparecer. Esse é um grande desafio. Nós vamos enfrentar esse desafio junto com o Ministério do Meio Ambiente e com o ICMBIO. Daqui a 5 anos, nós pretendemos ter já os resultados desse processo.

Esses animais precisam do *ex situ*. Eles não têm a menor possibilidade de continuar existindo se não houver o *ex situ*, se não houver zoológico, se não houver aquário que faça um investimento para desenvolver técnicas de manutenção e reprodução, para que nós tenhamos esse conhecimento e possamos trabalhar com os animais em natureza, para que aumente essa população, haja diversidade genética, e assim por diante.

No caso dos peixes, também temos grandes desafios. Cito o tubarão-lixia e o tubarão-mangona, além dos rivulídeos e dos bagres, que também precisam de atenção. Então, de novo, temos espécies criticamente ameaçadas e em perigo e uma vulnerável.

As instituições brasileiras detêm a técnica de reprodução de 223 espécies de vertebrados. Então, nós consideramos aceito esse desafio. Nós aceitamos isso, exatamente porque já temos essa *expertise*. Esses são números do Brasil: 223 espécies se reproduzem regularmente nas instituições.

Além disso, 73% das instituições realizam pesquisa em conjunto com universidades e outros centros de pesquisa. São mais de 280 parcerias com universidades, 48 projetos próprios em andamento. Isso é bastante significativo. E



nós temos projetos, como o branqueamento de coral e outros, como a Mara também exemplificou do Zoo de São Paulo.

No ano passado, as instituições brasileiras realizaram 126 cursos de formação e aperfeiçoamento, ministrados para a Secretaria de Meio Ambiente, Polícia Florestal, professores e outros agentes, que vão levar esse processo, vão adquirir informação e, com isso, vão gerar avanços na conservação da biodiversidade.

Ao longo da história da associação, já são mais de 4.300 trabalhos científicos publicados e apresentados. Estamos falando de 41 anos de existência.

Outras duas grandes funções dos zoológicos são a educação e a reconexão de pessoas com a vida selvagem. Isso também já foi falado aqui, mas é sempre importante nós frisarmos.

No ano passado, as instituições brasileiras investiram mais de 5 milhões de reais em programas de educação. Cerca de 30 milhões de pessoas foram impactadas no ano passado e 6 milhões foram atendidas em programas específicos de educação, como, por exemplo, o que trata da poluição dos oceanos, do lixo plástico, do atropelamento de fauna, do Biodiversidade Somos Nós, que é uma campanha das Nações Unidas junto com a Associação Mundial de Zoos e Aquários — WAZA, o Ciclo Siete, que corresponde à Semana Ibero-Americana de Sustentabilidade, e o Dia Mundial da Vida Selvagem. Mais de 6 milhões de pessoas participaram destes programas no ano passado.

A Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil — SZB, há 7 anos, vem desenvolvendo programas de educação com projetos de pesquisa em vida livre. Nós tivemos o ano da anta, o ano do lobo, o ano do tatu e o ano dos papagaios. O ano passado foi o ano do mico-leão. Este ano é o ano do tamanduá-bandeira e o do cavalo-marinho.

Estas campanhas visam envolver os 30 milhões de pessoas que vão ao zoológico para conhecer os programas de pesquisa e ter conhecimento das ameaças que esses grupos de animais têm no ambiente natural e, assim, elas se tornem agentes e parceiras na conservação destes animais, por meio de políticas públicas, do consumo consciente e pela não compra de animais frutos do tráfico.



Nós temos uma estratégia diferente em relação a cada animal, com tudo desenvolvido pelo Comitê de Educação da associação, que conta com pedagogos e educadores que desenvolvem importantes ferramentas e documentos para as instituições poderem fazer um treinamento com os visitantes e os professores.

Bem-estar animal é uma das preocupações dos zoológicos e aquários. Não existem zoológicos e aquários sem que o bem-estar animal seja um ponto importante. No Brasil, temos um pouco mais de 65 mil animais sob cuidados humanos, não em cativeiro.

A associação de zoológicos sempre foi parceira dos órgãos de fiscalização e de regulamentação. Eu retirei uma reportagem da *Folha de S.Paulo* do dia 4 de março de 2004, que fala sobre a operação zoo legal. À época, o IBAMA começou a iniciar um processo de fiscalização dos zoológicos, do qual a sociedade participou.

Tanto no passado como hoje, quando identificamos que uma instituição não cumpre o papel que lhe cabe, nós indicamos que o órgão de fiscalização seja fechado, porque a instituição não está contribuindo para o papel do zoológico. Esse processo não está acontecendo apenas agora: vem desde o início da sociedade.

Nós temos dois importantes documentos: o código de ética e nossa norma de procedimento formulário e certificação em bem-estar animal. Nós temos, igualmente, uma entidade independente, Deputado Tripoli: a Wild Welfare, uma ONG que atua em todo o planeta. Ela foi a principal autora da estratégia mundial de bem-estar animal em zoológicos e aquários. O Brasil desenvolve uma parceria com ela. A Wild Welfare está com a sociedade de zoológicos auditando todas as instituições.

Até 2021, nós teremos todas as instituições auditadas e, até 2023, todas estarão certificadas. Quem não estiver certificado será retirado do quadro da sociedade, e nós vamos encaminhar toda a documentação para o mantenedor, seja Estado, seja Município, seja empreendedor. Portanto, nós temos, sim, uma entidade imparcial. Nós temos um documento técnico que nos norteia.

Nós temos dentro dos zoológicos e aquários uma série de ferramentas. Esta aqui, por exemplo, é uma ferramenta do Zoológico de Brasília. Todos os zoológicos têm mecanismos que avaliam a questão ambiental em que os animais são mantidos. Este processo, portanto, não é empírico: é um processo técnico, que é avaliado 24 horas por dia. As ações são planejadas de acordo com estes indicativos.



Nós temos, também, uma tecnologia por trás da nossa manutenção de animais sob cuidados humanos.

A última função do zoológico é o resgate, a atenção e a reabilitação dos animais. Nós sabemos que o tráfico, infelizmente, vitima 38 milhões de animais. Nas estradas, 480 milhões de animais morrem atropelados. Portanto, precisamos nos preocupar com esta situação.

Espero discutirmos, no futuro, este assunto em outra audiência pública. No ano passado, nossas instituições receberam 2 mil animais de apreensões fruto do tráfico, animais que não têm condições de retornar ao ambiente natural. Também no ano passado, nós recebemos 5 mil animais que foram resgatados. Destes, muitos foram devolvidos ao ambiente natural. Aqui podemos ver o Luiz fazer o resgate de uma jaguatirica, que infelizmente, por não ter mais *habitat*, entrou numa residência de um condomínio.

Qual o impacto dos zoológicos e aquários no Brasil? No ano passado, 248 milhões de reais foram destinados para o cuidado, o bem-estar, a conservação dos animais, bem como a educação e a pesquisa sobre eles.

Precisamos ter um olhar para o futuro, quando os zoológicos e aquários vão continuar evoluindo e dando sua contribuição como centros de pesquisa de excelência, de conservação e de bem-estar. Já temos uma indicação disso.

Não só o Deputado Ricardo Izar, o Relator do projeto de lei, mas também o Deputado Goulart já receberam, com a sociedade paulista, um documento da sociedade de zoológicos com a proposta de transformar todos os zoológicos e aquários do Brasil em centros de conservação da biodiversidade. Este documento já se encontra nesta Casa, já está com as pessoas a quem cabe tomar as decisões necessárias. Cabe a elas a sensibilidade para levar isso em frente.

Existem algumas dúvidas que aparecem muitas vezes: as entidades que se dizem protetoras dos leões veganos não têm dinheiro para manter os animais que elas decidem proteger, as *fake news*, por exemplo, o zoológico da Costa Rica fechado. Esta é uma carta que veio da Costa Rica para o Congresso Nacional. Ela foi encaminhada no dia 25 de abril deste ano e diz que os zoológicos da Costa Rica não fecharam, que continuam existindo e continuam dando sua contribuição.

Dessa forma, nós temos que tomar cuidado com as notícias veiculadas.



Concluindo minha fala, nós temos dois caminhos: um, que o mundo todo está seguindo com resultados, no qual estão nas costas dos Srs. Deputados 30 milhões de pessoas, 65 mil animais e 3.550 pessoas que trabalham na área; o outro, que é o fechamento de todos os zoológicos que não conhecemos. Nós acreditamos no primeiro caminho.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Muito obrigado, Cláudio, pela explanação.

Informo que está conosco o Deputado Valdir Colatto.

Passo a palavra ao Sr. Maurício Bruns, Diretor da Fundação Hermann Weege.

**O SR. MAURÍCIO BRUNS** - Exmo. Deputado Evandro Roman, gostaria de cumprimentá-lo cordialmente, bem como estender meus cumprimentos ao Deputado Ricardo Tripoli. Eu não poderia deixar de saudar nosso Deputado Federal catarinense Valdir Colatto. É uma satisfação estar em sua presença!

Agradeço a presença maciça dos diretores dos zoológicos, técnicos e cuidadores. É muito importante a presença de todos numa data tão especial como esta.

Gostaria de deixar registrados meus agradecimentos ao Deputado Stefano Aguiar por ter proposto o Requerimento nº 259, de 2018, na Comissão de Meio Ambiente, o que nos dá a possibilidade de apresentarmos um pouco dos nossos trabalhos.

Eu sou Diretor da Fundação Hermann Weege há precisamente 17 anos, 3 meses e 17 dias. Assumi uma instituição muito precária, falida, com todos os motivos do mundo para jogar a toalha, mas eu acreditei nela. Larguei meu emprego numa multinacional para assumir uma instituição falida. Muitos dos meus familiares queriam me crucificar: chamaram-me de louco. Eu disse que a instituição tinha futuro.

Eu vou contar um pouco do histórico da fundação do Zoológico de Pomerode. Fundado em 1932, o Zoológico de Pomerode encontra-se no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, mais precisamente no Município de Pomerode. Em 1977, foi



instituída a Fundação Hermann Weege, que, a partir de então, o administra e o mantém — é a mantenedora do Zoológico de Pomerode.

A Fundação Hermann Weege é uma entidade sem fins lucrativos, não distribui lucros e é devidamente auditada pelo Ministério Público de Santa Catarina. Em razão dos arts. 65 e 66 e das leis de utilidade pública municipais que temos, nós prestamos conta, todos os anos, à Assembleia Legislativa de Santa Catarina e ao Ministério Público, em vista do programa SICAP.

Atualmente, nós temos 255 espécies sob cuidados humanos, que totalizam 1.041 animais — 77% desses animais são resgatados. Há uma foto, eu fiz questão de deixar esta imagem.

Este urso chegou ao zoológico numa carretinha tão minúscula, que ele nem conseguia sair. Nós tivemos que cortar a carreta. Imediatamente, quando foi solto no *habitat*, ele correu para um tanque d'água, que ficou toda suja, como se fosse um achocolatado. Olhem como ele vive hoje! Eu acho que é uma mudança bastante radical.

Participamos de 24 programas de conservação e estudo, muitos atendimentos de animais vitimados pelo tráfico, por atropelamento, por choque em rede de alta tensão. Eu coloquei umas imagens a mais para ilustrar e realmente sensibilizar para a importância do trabalho que os zoológicos executam. Infelizmente, nós não fizemos como a galinha faz: ela põe o ovo e sai correndo. Nós trabalhamos na surdina, quietos, mas fizemos nosso trabalho. Nós temos como provar o que fizemos.

Esta aqui é uma cena que me deixou muito chocado — foi um veterinário que me encaminhou. Eu não poderia deixar de ilustrar a imagem deste bugio-ruivo, bem como a situação em que ele chegou ao zoológico. A mesma coisa aconteceu com o cachorro-do-mato. O bicho literalmente foi atropelado. Ligaram para nós, e fizemos o resgate. Infelizmente, o animal foi a óbito. Um dó!

Para termos uma ideia, os animais que nós recebemos são tratados. Nós temos hoje um corpo técnico constituído de dois veterinários, que trabalham *full time* exclusivamente no zoológico. Os animais que têm a capacidade de ser devolvidos à natureza são devolvidos e os que não têm, infelizmente, ficam sob os cuidados humanos.



É lógico que, chegando os adultos, infelizmente acabam chegando os órfãos, que também precisam ser criados e mantidos até o fim de suas vidas. Em muitos casos, é difícil a reinserção dos animais, porque eles se tornam muito “humanizados”. Aqui temos alguns exemplos para ilustrar.

Nós temos uma equipe técnica muito qualificada, que atende aos altos padrões brasileiros e internacionais, em se tratando do bem-estar animal. Diariamente, são feitas intervenções por biólogos e veterinários, por toda a nossa equipe, para minimizar o estresse por que passam os animais.

Eu acho que estas duas fotos retratam muito bem a forma como os animais se comportam.

Esta é uma parte muito interessante, que eu gostaria de externar para vocês. Trata-se de uma instituição moderna, de Primeiro Mundo, que já não pode mais atuar somente dentro dos seus limites, mas, sim, trabalhar com responsabilidade social.

Hoje nós já investimos boa parte do nosso faturamento com o repasse de verbas, ou seja, nós estamos devolvendo para a sociedade um percentual do que arrecadamos. Hoje mais de 300 jovens são atendidos pela Associação de Pais e Amigos do Basquetebol de Blumenau — APAB, em Santa Catarina. Hoje nós somos um dos maiores patrocinadores desta equipe.

Em Blumenau, nós patrocinamos o Blumenau Esporte Clube, time de segunda divisão que está batalhando e, graças a Deus, está alcançando bons resultados. Vamos apostar na garotada!

Em Pomerode, nós patrocinamos a Associação Pomerode de Futsal — APF. Agora ela até mudou de nome, eu não quis nem registrar isso. Na realidade, ela é a APF Zoo Pomerode. Esta é uma homenagem que o Presidente e os Diretores da Associação quiseram fazer para nós, tanto é que a nossa já aparece em destaque, justamente pelo volume financeiro que investimos na modalidade.

Para vocês terem uma ideia, são atendidos dos Sub-9 aos Sub-19. Mais de 250 jovens estão envolvidos, e há uma cobrança muito forte. Não basta simplesmente se habilitar para jogar: é preciso prestar contas quanto ao comportamento na escola. Se as notas são boas, se as notas estão acima da média,



o aluno participa. Se as notas estão abaixo, vai estudar um pouco, fica na “geladeira”, até se recuperar e, assim, voltar ao projeto.

O negócio é muito diferente, muito bacana.

Além disso, nós resgatamos a Associação Pomerodense de Ciclismo, que estava abandonada, sem recursos. A molecada não tinha dinheiro para treinar, não tinha uniforme, não tinha condições de manter as bicicletas. Com isso, nós fechamos uma parceria.

Nesta foto, nós conversamos com este senhor à direita, uma pessoa muito séria. Nós conseguimos colocá-lo na Presidência. A molecada já está recebendo os troféus do campeonato da Federação Catarinense de Ciclismo. Estas são, portanto, pequenas ações, mas que fazem grande diferença.

Em Pomerode, nós temos uma loja de artesanato onde possibilitamos que 60 famílias exponham o artesanato que produzem para aumentar a renda mensal. Elas vendem o artesanato, sem custo.

Nós também podemos falar em responsabilidade ambiental. Recentemente, importamos dois colares da Nova Zelândia. Houve um investimento em torno de 45 mil reais, fruto de uma parceria feita pelo Centro de Educação Profissional — CENAP e o Instituto Caeté, em Blumenau, onde serão monitorados dois indivíduos, dois pumas, no Parque Nacional da Serra do Itajaí.

À direita, no alto, aqueles filtros e fossas gigantes estão sendo construídos. Já estão concluídos. Trata-se, na realidade, da coleta de esgoto *in natura*, esgoto que estava sendo jogado pela vizinhança no entorno do zoológico e lançado *in natura* no ribeirão. Nós investimos. Fizemos uma rede de mais de 600 metros de distância, captamos, tratamos e devolvemos os resíduos ao meio ambiente, muito melhor do que estava antes.

Nossa equipe técnica, com o auxílio de escolares da região, promove diversas campanhas de recomposição da mata ciliar, coleta de lixo às bordas dos rios. É feito um trabalho muito bacana, que vale a pena, e merece nossos aplausos e nosso respeito.

Aqui, tem-se a educação contínua. Temos hoje quatro biólogos que trabalham *full time* exclusivamente no setor de educação ambiental. Eles realizam um trabalho muito bom, sob a coordenação do Cláudio, que está de parabéns. Há também a



qualificação e a organização de congressos, *workshops*. Aliás, no mês de novembro, organizaremos o I Simpósio de Manejo de Megamamíferos, em parceria com a Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil — SZB e com a Asociación Latinoamericana de Parques Zoológicos y Acuarios — ALPZA.

Os resultados já aparecem. Eu fiz questão de abrir para vocês os resultados da fundação. Como o resultado é público, requer um registro interessante.

A Fundação Hermann Weege é a única no Brasil a manter um zoológico de natureza privada sem fins lucrativos. No ano passado, nós recebemos o total de 256.718 visitantes. Deste total, mais de 12 mil foram cortesias. Nós não cobramos ingressos de crianças carentes, APAEs, portadores de necessidades especiais etc. Com a venda de ingressos, nós tivemos uma receita de 6 milhões 189 mil 146 reais. O total da receita: 6 milhões 895 mil 142 reais. O total de custos operacionais: 5 milhões 871 mil 147 reais e 9 centavos.

No exercício de 2007, tivemos um superávit de 1 milhão 23 mil 994 reais e 91 centavos.

Aonde eu quero chegar com isso? Quero demonstrar que não é preciso muito: nós conseguimos fazer muito com pouco. Basta ter determinação e ser reto na conduta. Os devaneios, infelizmente, que acontecem fazem com às vezes se gastem milhões de reais em parques públicos que não apresentam resultado algum, razão pela qual os bons zoológicos são atacados.

Nós temos que parar com isso. Precisamos de bons administradores, bons técnicos, uma boa equipe de cuidadores de animais. Isso basta. Esta é a receita.

Resumindo: possuímos independência administrativa e financeira, não dependemos de verba pública e não queremos. Não queremos verbas públicas. Investimos mais de 5,8 milhões de reais em estrutura, cuidado animal, ações sociais, educação e pesquisa, todos os anos.

Cerca de 950 pessoas são diretamente beneficiadas com as ações sociais que nós promovemos no parque, e 94% dos nossos visitantes consideram a instituição ótima e muito boa. Na realidade, esse número, se fosse para pegar pelo TripAdvisor, seria muito maior, mas essa foi uma pesquisa feita pela Universidade Federal de Santa Catarina, em que nós não intervimos em nenhum momento. De



forma bem imparcial, eles abordaram dezenas ou centenas e centenas de visitantes e chegaram a essa conclusão. Então, isso é fruto de um trabalho sério.

Gostaria de fazer umas pequenas considerações sobre o PL 6.432/16. Para mim, que sou formado em Direito, ele é uma afronta aos princípios gerais da atividade econômica, conforme o art. 170 da Constituição Federal, bem como é uma afronta ao princípio da livre concorrência, também conforme do art. 170, IV, da Constituição Federal. Nós consideramos o projeto de lei tendencioso, muito tendencioso, porque ele simplesmente desqualificou os bons zoológicos no Brasil.

Nós, como fundação, bem como a SZB, não queremos zoológicos ruins. O que nós queremos? Que seja dado um lapso temporal para que as instituições ruins realmente melhorem ou, caso contrário, que fechem de uma vez por todas. Eu acho, entretanto, que o mínimo de diplomacia é necessário. Chegar e conversar é possível? Não, não é. Não há equipe técnica? Não, não há. Então, vamos destinar os animais para os bons zoológicos, e está resolvido o problema.

Não necessitamos de extremismo. Precisamos unir esforços para modernizar e atualizar a Lei nº 7.173, de 1983, que regulamenta a função do zoológico no Brasil. Devemos regulamentar dentro dos mais elevados padrões éticos o funcionamento de aquários, zoológicos, santuários, criadores, mantenedores de fauna silvestre e exótica no Brasil. Muito se fala de zoológico, muito se fala de aquário, e os demais que mantêm animais? Ou os senhores acham que é justo eu manter um dobermann dentro de um apartamento de 35 metros quadrados, como eu já vi? Para mim, não é justo.

Nesses dias, eu estava caminhando na rua — e, graças a Deus, em Pomerode ainda temos jardins enormes — e vi dois cachorros brincando. Sinceramente, eu me sensibilizei com a coisa. Até falei para a minha esposa: Puxa, que imagem linda! Estavam correndo num gramado enorme, de um lado para o outro. E eu falei: Da mesma forma que os animais silvestres precisam de cuidados, de bons ambientes, os domésticos também precisam ser vistos, assim como os mantenedores de fauna e santuários.

Não quero aqui colocar o dedo no olho de ninguém, muito pelo contrário. Tanto é que no dia 3 de agosto do ano passado, em sessão solene nesta Casa, eu também já falei que nós temos que unir esforços. Hoje parece que há uma disputa



de egos entre instituições, e nós não precisamos de nada disso. Nós precisamos apenas sentar, conversar e alinhar.

O que nós queremos? O bem-estar do animal. Esse é um bem comum. Queremos também, simplesmente, o que é meu ponto de vista, modernizar e despolitizar o modelo de gestão de zoológicos e aquários no Brasil. Ainda há muita intervenção política nos aquários. Acontece o seguinte: mesmo que o diretor e a equipe técnica sejam bons e qualificados, se ganha um prefeito novo ele traz a sua patota. Tudo aquilo que foi construído em 2 ou 3 anos muda. “*Agora eu vou deixar a minha marca*”. O cara vai lá e pinta o meio-fio. Isso tem que acabar. É por isso que a maioria dos zoológicos não caminha. Por quê? Porque não enxerga o norte. Só se consegue atingir bons resultados — os senhores viram a receita do bolo, não há nada de mais, com pouco dinheiro nós fizemos muito — se se tiver um norte, se soubermos onde vamos gastar o nosso dinheiro.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Muito obrigado ao Sr. Maurício Bruns, Diretor da Fundação Hermann Weege.

Eu passo a palavra para o último explanador, o Sr. Daniel Santana Lorenzo Raices, Coordenador de Ações Integradas para Conservação de Espécies do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade — ICMBio.

**O SR. DANIEL SANTANA LORENZO RAICES** - Obrigado pelo convite para falar de um assunto tão relevante nesta Casa.

Meu nome é Daniel Raices, sou Coordenador da Coordenação de Ações Integradas para Conservação de Espécies do Instituto Chico Mendes e vim falar um pouco sobre o posicionamento do Instituto Chico Mendes quanto a esse projeto de lei.

(*Segue-se exibição de imagens.*)

O Instituto Chico Mendes, um órgão público federal, é responsável pela gestão de 335 unidades de conservação federal, o que representa 9,1% do território continental e 24,4% do território marinho. O Instituto Chico Mendes tem 14 Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação, responsáveis por pesquisa com primatas, carnívoros, tartarugas marinhas, aves e outros grupos.



Dentre as atribuições do Instituto Chico Mendes está a de avaliar o risco de extinção de espécies da fauna brasileira e também propor e executar medidas para reduzir o risco de extinção das espécies. Um exemplo dessas medidas são os Planos de Ação Nacional.

Na avaliação de risco de extinção de espécies da fauna brasileira realizada até 2014 — agora está havendo um ciclo de novo —, foram avaliadas 12.254 espécies da fauna; dessas, 1.173 são espécies ameaçadas de extinção; 10 são extintas ou extintas no Brasil; e 1 está extinta na natureza. Isso está nas Portarias nºs 444 e 445, de 2014.

Os Planos de Ação Nacional vêm para tentar reverter o quadro das espécies que estão sendo ameaçadas. Em 2006, quando saiu, o Plano de Ação Nacional abarcava 2% das espécies; hoje, pega 55% das espécies ameaçadas. Eu separei aqueles quatro Planos de Ação Nacional porque eles também contam com ações em cativeiro. Sem essas ações, para a ararinha-azul, para a arara-azul-de-lear, para o mutum-do-sudeste e para o pato-mergulhão, seria invariável fazer esses Planos de Ação Nacional.

Hoje, o Instituto Chico Mendes entende que para o manejo há três posições. Primeiro, quando é imprescindível. Nesse caso, sem o manejo populacional, tanto em cativeiro, quanto em liberdade, o resultado será a extinção em período de três gerações ou de 10 anos. Segundo, quando é necessário. Nesse caso, sem o manejo populacional haverá uma redução drástica das populações, ou subpopulações em vida livre, com tendência a agravar o risco de extinção em um período de três gerações ou de 10 anos, o que for maior. Terceiro, quando é benéfico. Nesse caso, o manejo populacional não será determinante para reduzir o grau de extinção dessas espécies, não será para conservar melhor essas espécies, num período de três gerações ou de 10 anos, o que for maior. Ou seja, não necessariamente essa posição benéfica resultará numa redução do grau de ameaça dessas espécies, mas é benéfica em certo ponto, porque introduz genes, introduz populações viáveis em locais onde elas já foram extintas.

Com isso, veio o Acordo de Cooperação Técnica — e o nome agora é Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil — SZB —, publicado no *Diário Oficial da União* do dia 5 de junho de 2018. “O presente Acordo de Cooperação tem por



*cooperação na elaboração, implementação, manutenção e coordenações dos Planos de Manejo Ex situ de Espécies Ameaçadas em Zoológicos e Aquários Brasileiros (...)*”.

Houve várias reuniões com o Cláudio e outros pesquisadores, inclusive dos Centros de Pesquisa do ICMBio. Nesse acordo, elencamos 25 espécies que deveriam ser mantidas em cativeiro, para ou serem salvas da extinção na natureza, ou poderem ter aportes futuros para as populações soltas na natureza. Quase 33% delas são criticamente ameaçadas, trinta e poucos por cento estão em perigo e trinta e poucos por cento são vulneráveis.

Elas têm representação de primatas, carnívoros, anfíbios, répteis, aves, peixes continentais e peixes marinhos.

Esse acordo tem duração de 5 anos, que pode ser renovada, e inclui essas 25 espécies. A supervisão é feita pelo ICMBio e os Centros de Pesquisa. As ações são voltadas exclusivamente para o manejo *ex situ* dessas espécies.

Vou falar sobre algumas coisas emblemáticas que o manejo *ex situ* proporcionou. A primeira é a reintrodução das espécies com sucesso. A mais conhecida no Brasil é a do mico-leão-dourado, que é um exemplo bem-sucedido.

Em 1970, a comunidade científica se mobilizou para reverter o grau de extinção da espécie, que era criticamente ameaçada. Havia menos de 200 indivíduos em vida livre. Com isso, foi criada a Reserva Biológica Poço das Antas.

Em 1984, foi realizado o programa de reprodução em cativeiro, que contou com 140 zoológicos ao redor do mundo. Em 2003, houve a reintrodução de espécies na Reserva Biológica União. Hoje, rebaixou o grau de extinção da espécie, que era “criticamente ameaçada”, para “em perigo”.

A espécie hoje conta aproximadamente com 3 mil indivíduos. Existem dois desafios: um, em vida livre; outro, em cativeiro. Para a espécie em de vida livre é preciso diminuir as ameaças de perda e fragmentação do hábitat e garantir corredores ecológicos entre os remanescentes. Para *ex situ*, é preciso manter a viabilidade genética para assegurar a viabilidade das populações a longo prazo e assegurar a sensibilização do público na conservação do bioma Mata Atlântica.

Outra espécie emblemática é ararazinha-azul. Ela é uma espécie extinta na natureza. Há 79 indivíduos em cativeiro. Esses 79 indivíduos integram um programa



de reprodução em cinco locais no Brasil, na Espanha, no Catar e na Alemanha, que visa à reintrodução da espécie na natureza.

Isso foi definido no PAN Ararinha-Azul, coordenada pelo CEMAVE/ICMBio, que é o centro responsável pelas ações com as aves silvestres nacionais, e conta com o apoio de várias pessoas e de diversas instituições.

Com isso, foi feito o Decreto nº 9.402, de 5 de junho de 2018, que cria a APA da Ararinha-Azul e o Refúgio de Vida Silvestre da Ararinha-Azul, com o intuito de, no futuro, reintroduzir essa espécie na natureza.

Outro futuro problema que enxergamos, mas que está no Acordo de Cooperação Técnica com a SZB, é o caso do *callithrix aurita*, uma espécie de primata endêmica da Mata Atlântica, do Sudeste do Brasil, encontrado na Serra do Mar e arredores, classificada atualmente como “em perigo”. O problema é que entre suas principais ameaças está a perda e fragmentação de hábitat e competição com espécies híbridas invasoras.

No Rio de Janeiro, nas décadas de 80 e 90, foram introduzidos o *callithrix jacchus* e o *callithrix penicillata*, que são saguis do mesmo gênero e hibridizam com essa espécie, reproduzem com essa espécie, miscigenando e acabando com as populações puras de *callithrix aurita*.

O nosso Centro e o centro responsável por primatas do ICMBio ainda não vislumbram uma solução definitiva na natureza para controlar as espécies invasoras ou estudos que indiquem qual a atitude que essa espécie habita e que outras não consigam ir, já que ela habita a serra. Portanto, a criação em cativeiro dessa espécie é fundamental.

Finalizo mostrando essa espécie de rivulídeos, conhecida como peixe anual. Em Casimiro de Abreu, em abril de 2018, houve invasão, por loteamentos, numa região que era a única força conhecida dessa espécie. Nessa região, será criada uma unidade de conservação ou estadual ou municipal.

O Centro do ICMBio e o Aquário Municipal de Belo Horizonte foram chamados para resolver esse problema e conseguiram resgatar 36 indivíduos dessa espécie, que estão agora no Aquário Municipal de Belo Horizonte, com vistas ao desenvolvimento de estudos sobre a ecologia e a reprodução dessa espécie, para futuramente ser reintroduzida nessa área.



Não temos certeza ainda se há indivíduos nessa área. Como são peixes anuais, eles desovam a cada ano em que a poça seca, e, se os ovos estiverem lá, nascem novos indivíduos. Mas 36 indivíduos estão lá no Aquário Municipal de Belo Horizonte para servir de futuras matrizes para reintrodução dessa espécie.

Era essa a contribuição que eu tinha a dar.

O Instituto Chico Mendes trabalha com quase 10% do território nacional, em unidades de conservação, mas, sozinho, não consegue evitar a extinção de todas as espécies na natureza.

Obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Muito obrigado, Sr. Daniel.

Agora, pela ordem de inscrição dos Parlamentares, está com a palavra o Deputado Ricardo Tripoli.

**O SR. DEPUTADO RICARDO TRIPOLI** - Sr. Presidente, Deputado Evandro Roman, eu queria inicialmente cumprimentar a todos aqueles que participaram do painel de exposições desse tema fundamental e caro a todos nós: a questão do projeto de lei que proíbe em todo o território nacional a existência dos chamados zoológicos, que já conhecemos muito bem.

Primeiro, eu gostaria de fazer uma solicitação: como foi feita pelo autor, o Deputado Goulart, a solicitação para mais uma audiência pública com a sociedade civil, eu pediria que fosse incluído o representante do IBAMA Roberto Cabral, exatamente a pessoa que lida com essa questão da proteção animal na ponta da linha. Ele é um dos grandes profissionais do IBAMA que têm se dedicado muito a essa causa.

Eu vejo que há certa preocupação, mas, por outro lado, eu tenho uma visão contrária. Eu acho que, como não existe reclusão total no Brasil, não deve existir reclusão total para os animais. Essa é uma tese do século XXI. O mundo está mudando. A tendência é que no futuro não tenhamos mais animais presos.

Alguns anos atrás, eu fiz um périplo por alguns Estados, visitando zoológicos no Brasil, e fiquei muito preocupado. Eu digo isso porque vejo aqui o Presidente da Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil dizer da veracidade dos fatos, da



nossa tranquilidade hoje no que diz respeito à fiscalização. Na minha opinião, a fiscalização não existe, pura e simplesmente não existe.

Eu não vejo nenhum tipo de problema em enaltecer o que é bom, mas eu acho que nós temos que apontar onde estão os defeitos. Eu dou alguns exemplos. O Rio de Janeiro, por exemplo, foi alvo dos maiores tráficos de animais silvestres no Brasil. Inclusive, um deles culminou com a retomada... Os Estados Unidos comunicaram ao Brasil que uma espécie de ofídio, de cobra, havia sido localizada lá e a documentação era peruana, mas na investigação se chegou ao autor do delito. Esse animal foi retirado de zoológico do Rio de Janeiro e levado para procriar nos Estados Unidos. Cada filhote era vendido por 25 mil dólares, se não me falha a memória. É absurdo o que se faz hoje. Eu estou falando no Rio de Janeiro. Não estou dando como exemplo um Estado de menor porte, mas um Estado grande, como o Rio de Janeiro.

Há problemas gravíssimos nos zoológicos brasileiros, sem contar que muitas vezes os animais vêm de fora. Eu fui a Pernambuco, e isso foi o que mais me chamou a atenção. Vi dois ursos pardos num espaço de 25 metros quadrados. Foi uma coisa desoladora, sem falar no abandono dos demais animais! Havia tigres magérrimos, em gaiolas que não davam acesso a nenhum lugar, a não ser a uma pequena área com grama e concreto. A jaula não tinha mais do que 20 metros quadrados. E eles deviam estar lá há cerca de 2, 3, 4, 5 ou 10 anos! Não sei exatamente há quanto tempo.

Outra coisa que me chama atenção é a troca de animais entre os zoológicos. Em Pernambuco, faz calor, e o sol é insuportável no verão. Imaginem um urso pardo em exposição num espaço mínimo, sem direito a pelo menos um tanque de água para poder se banhar! Não havia no zoológico de Pernambuco o mínimo atendimento às necessidades e cuidados.

Se quiserem pegar um avião hoje aqui para ir até lá, os senhores verão que o que eu digo é verdade. Fui levado até lá por Deputados de Pernambuco. Eles solicitaram a minha ida até lá, porque queriam fazer uma vistoria. Fui com eles verificar *in loco* o que estava ocorrendo.

Estou dando um exemplo prático. Não são poucos os maus exemplos que existem no Brasil. Há um problema muito sério de tráfico de animais silvestres, com



a convivência de alguns zoológicos. Há também a questão dos maus-tratos aos animais, como essa específica que verifiquei em Pernambuco, *in loco*. Estou falando da onça, do tigre e dos ursos porque vi. É um absurdo isso acontecer numa área urbana que não tem mais como ser expandida, num espaço limitadíssimo.

E o pessoal que cuidava dos animais fazia um tratamento inadequado. Para se ter uma ideia, o sujeito que fornecia a alimentação aos animais cuidava de mulas e de jumentos. Ele não tinha habilidade nenhuma com aquele tipo de animal.

Eu ressalto muito a figura dos santuários que temos hoje no Brasil. Tive a oportunidade de visitar o Santuário dos Elefantes em Cuiabá, o antigo Elephant Voices. Hoje, no Brasil, já existem dois elefantes. Um terceiro elefante está a caminho. O elefante aqui de Brasília foi morto pouco tempo atrás por envenenamento. Aliás, vários animais foram mortos, mas o que mais chamou atenção foi o elefante. Se não me falha a memória, o nome dele era Babu. Isso aconteceu aqui na Capital Federal do Brasil, no zoológico daqui.

Portanto, eu acho que temos que tomar certo cuidado quando colocamos a questão dos animais como praticamente resolvida e solucionada no Brasil. Não acho isso bom. Acho que está começando a haver uma identificação, principalmente com os animais domésticos. As pessoas estão começando a repensar essa relação do animal com o ser humano. E o animal que não é doméstico não é para estar guardado em jaula.

O Elephant Voices de Cuiabá, por exemplo, é um centro onde as pessoas poderão, a distância, observar o dia a dia dos animais. E, mais do que isso, com esse processo virtual, poder-se-á filmar e interagir com os animais, como se eles estivessem muito próximos.

Eu assisti a alguns filmes — é bem provável que vários aqui já tenham assistido — em que se tem proximidade com os animais. Fica-se a alguns metros de distância. Obviamente, o animal não está no local porque é virtual, mas a cena é tão autêntica, tão próxima do ser humano, que faz com que possamos ter essa possibilidade.

Acho que os animais sofrem muito. É lógico que alguns não podem mais voltar para natureza, porque não têm mais condições. Mas seria muito bom se boa parte deles pudesse voltar.



Eu conheci santuários de primatas e conheci santuários de felinos. Vejo neles a possibilidade de recuperação e reintrodução desses animais no *habitat* natural. Muitos não têm mais condições. Eu acho que o *stress* de um animal que fica represado num determinado local é muito grande. Submete-se o animal a visitação de segunda a segunda ou de segunda a domingo, com intercalação de um 1 ou 2 dias. Isso é muito ruim. A alimentação é aquela alimentação balanceada de sempre. Enfim, o animal não leva a vida que deveria levar, se estivesse solto na natureza.

Essa é uma discussão que nós temos que fazer com o mundo inteiro. A todas as COPs de que já participei, as Conferências das Partes da Convenção do Clima das Nações Unidas, sobre mudanças climáticas no mundo, eu tenho levado paralelamente a discussão da proteção animal. Já participei de oito. Fui à de Paris, à de Copenhague, à de Marrakesh. Não há país que não tenha pessoas preocupadas com essa questão, principalmente com os animais que estão apreendidos. Esses causam maior problema para as pessoas.

Eu vejo muitas pessoas levarem crianças ao zoológico, e fui uma das que frequentaram zoológico quando criança. Num primeiro momento se imagina que o animal está satisfeito naquele local. Provavelmente, ele não estará satisfeito naquele local. Nós temos que encontrar outro caminho, temos que encontrar outra fórmula de convivência dos seres humanos com os animais.

Portanto, Sr. Presidente, deixo aqui a minha fala mais no sentido de tentar fazer com que — obviamente, junto com os cientistas que lidam com essa causa hoje, com os técnicos, com os proprietários, com aqueles que estão a fim de encontrar um caminho — repensem essa fórmula dos chamados zoológicos. Eu acho que o zoológico não é um atrativo que fará bem aos animais, e também não fará bem às crianças. Quando se tornarem adultas, verão que não fizeram muito bem em usufruir daquela visão, sem contar as vezes em que o sujeito perde a mão ou o braço porque tentou acariciar um animal. Isso existe aos montes.

Portanto, eu pediria aos senhores e às senhoras que fizessem uma reflexão. Acho que o zoológico não é o melhor caminho para enfrentarmos esse desafio da questão animal. Se há o problema de cunho financeiro, econômico, vamos buscar uma alternativa. Eu não estou querendo tirar o ganha-pão de ninguém, mas também



não gostaria que os animais fossem sacrificados em função dessa questão econômica, financeira.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Deputado Ricardo Tripoli.

Agora passo a palavra ao Deputado Valdir Colatto.

**O SR. DEPUTADO VALDIR COLATTO** - Presidente Evandro Roman, parabéns pelo trabalho!

Eu queria cumprimentar o Sr. Maurício Bruns, nosso representante do Zoológico Pomerode; o Sr. Cláudio Maas, representante da Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil; o Sr. Marcelo Szpilman, Presidente do AquaRio; a Sra. Mara Cristina Angelo; o Sr. Ugo Vercillo e o Sr. Daniel Raices.

Eu não pude ouvi-los porque estava em outra missão na Casa — aqui nossas atividades são sempre sobrepostas —, mas, como eu faço parte da Comissão de Meio Ambiente, fui instado a falar sobre o assunto.

Este projeto apareceu na Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, é de autoria do Deputado Goulart e relatado pelo Deputado Ricardo Izar — não é o Deputado Ricardo Tripoli. Essa dupla de Ricardos de São Paulo nos dá muito trabalho na Comissão de Meio Ambiente! *(Riso.)* Mas nós seguimos trabalhando e buscando os caminhos para achar uma solução.

Pelo pouco que pude ouvir do Sr. Maurício e do Sr. Cláudio, e pela posição do Deputado Ricardo Tripoli, parece-me que, se não existir fiscalização pública, então teremos que fechar! Fiscalizar é dever do Estado, aliás, é um dever constitucional. Não se pode abrir mão de fiscalizar. A fiscalização é trabalho do agente público, em qualquer área é assim. *“Se não há como realizar fiscalização, então vamos fechar. Se não há como fiscalizar as empresas, vamos fechá-las. Se não há como fiscalizar um time de futebol, vamos fechá-lo.”* Esta é a ideia da fiscalização no Brasil.

Se o Estado não cumpre seu papel de fiscalização, ele simplesmente joga a culpa naqueles que querem fazer alguma coisa, naqueles que querem trabalhar e produzir. É aquela história: quem não produz nada, quer mandar em quem produz. Eu tenho falado sobre isso. O Brasil pegou esta praga: quem não produz nada, quem não cria nada, quem não gera nada, proíbe quem quer fazer alguma coisa. O



Brasil está vivendo essa burocracia maldita. Temos que desatar vários nós, em todas as áreas é assim.

Por isso, quando ouço o Sr. Maurício falar das belezas da atividade que ele faz, tenho que dar os parabéns! E não me refiro só ao zoológico, Sr. Presidente, mas também aos programas que ele tem, que anotei aqui. Inclusive, sou agrônomo, mas não sabia que o pato-mergulhão é o único que se reproduz em cativeiro. Acho que esse é o caminho.

Cito a área da educação, a realocação de animais, a questão de as pessoas serem informadas sobre como vivem esses animais. Hoje, se apresentarmos às crianças da cidade um animal desses, aliás, não só animais que estão em zoológico, mas também animais domésticos, elas se assustam.

Vou contar uma história. Em São Paulo, realizaram uma pesquisa, Sr. Presidente, em que perguntaram às crianças de uma escola de onde vem a comida, e 90% delas responderam: *“Do supermercado”*. Não têm noção nenhuma! Tanto é que lá fora, na Europa, fazendas criam todo tipo de animal e as escolas vão visitá-las, para mostrarem às crianças como são os animais, como se cuida deles, os bons tratamentos, etc. É incrível, então, irmos para este lado: *“Se não dá para cuidar, então vamos fechar”*.

Falou-se do recolhimento de animais feridos. O que traz maior bem para um animal ferido? E hoje eles são tantos! Basta ver quantos são vítimas de carros, de fios elétricos, de redes. Isso acontece com todo tipo de animal. Não é a caça, não, que leva a isso, são os acidentes.

Inclusive, estamos elaborando um projeto de lei sobre a política da fauna brasileira e estão nos acusando de liberar a caça no Brasil. Estão fazendo politicagem em cima disso. Não existe nada disso, não há nada que fale sobre isso!

Quando falamos em zoológicos — e se fala em reclusão total para animais, como disse o Deputado e o Sr. Maurício —, temos que perguntar: existe maior reclusão que a de um cachorro que vive em apartamento? Ele tem liberdade? É claro que não. Se for para a rua, vai com uma correntinha ou uma corda. Que liberdade é essa? Outros animais também, se forem levados para a natureza, não sobrevivem. É a lei do mais forte na natureza. Não existe isso. O maior engole o menor, e não há saída.



Portanto, nós negamos que nas áreas ambientais temos que cuidar dos animais, tanto dos domésticos quanto dos silvestres, é uma discussão que não cabe. Eu acho que realmente temos que cuidar deles.

Atualmente, 20% do Brasil são ocupados por parques. Não sei se os senhores sabem disso. Como é composto o Brasil? São 65% de floresta nativa; 20% de parques; 13% de área indígena; 8% de agricultura; 1,2% ou 2% de cidades; e assim se compõem o Brasil, ainda com 11% com assentamentos da reforma agrária. O Brasil é assim. Pergunto: qual é o parque no Brasil, desses 20%, uma área que chega a 160 milhões de hectares no Brasil... Imaginem se nós tivéssemos que colocar uma proteção para esses animais em todas essas áreas que são parques brasileiros. Há dinheiro no mudo que faça isso? Não.

Esses parques foram criados e estão liberados. E qual é o maior predador dos animais silvestres nos parques? Cachorros e gatos, que estão liberados nas ruas. Ou não? Hoje, as estatísticas mostram que nós temos 52 milhões de cachorros nas ruas, soltos, e 22 milhões de gatos. Esses são predadores e são animais exóticos. E nós silenciemos para isso, os ambientalistas radicais silenciam.

Portanto, nada mais justo que o Sr. Maurício mostre esse trabalho, porque a maioria das pessoas pensa: *“Não, é só o pessoal que trata dos zoológicos que segura o coitadinho do animal lá preso, e não sei o quê”*. Não existe nada por trás disso, como o Sr. Maurício disse aqui. Mesmo existindo todos esses programas, isso também foi dito aqui pelo Sr. Cláudio, quais são conhecidos?

Por isso, nós pedimos esta audiência pública, para tornar isto público. Esta audiência está sendo levada pela Internet para que o Brasil saiba o que é um zoológico. Não se trata de simplesmente pegar um animal e encarcerar, tratar mal, etc.

Nós temos as CETAS, os Centros de Triagem de Animais Silvestres. Quem cuida disso ou deveria cuidar? O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis — IBAMA. Cuida? Não cuida. Esses animais são presos, retirados de quem cuida deles, levados para lá e morrem de fome. Morrem de fome! Lá em Santa Catarina, a CETAS, para se manter, tem que pedir para as pessoas colaborarem com ração, com comida, para poder manter esses animais vivos, senão eles morrem. Quem está cuidando dos animais agora?



Acho que nós temos que começar a pensar com a razão. Principalmente aqui no Brasil, nós sempre fazemos as coisas — esta Casa também faz isto — sem pensar nas consequências, sem pensar nos impactos que nós geramos quando aprovamos alguma lei nesta Casa.

Eu não sei os números econômicos do zoológico, mas eu vi, como o Sr. Maurício mostrou, os números de Pomerode, uma entidade que vive às suas próprias custas. Não pede dinheiro público, cuida dos animais — cuida dos animais, não os maltrata —, e está sendo levada como se estivesse cometendo um crime.

Alguém apresentou um projeto que foi para a Europa, para os Estados Unidos, para outros países, lugares onde se gastam fortunas para preservar os animais. E vem essa pessoa querer colocar isso no Brasil, que tem uma realidade totalmente diferente. Nós não temos esse perfil, não temos essa cultura, não temos como fazer isso. Portanto, temos que dar graças a Deus que alguém mantenha esses animais, que os alimente, que cuide desses animais, inclusive que os reponha para a natureza. Ou alguém imagina que um animal doméstico desses sobreviva se for solta na natureza, como foi mostrado ali? Ele acaba, morre, não tem como sobreviver. Ele não sabe sobreviver na natureza.

Portanto, coloco-me favorável à manutenção desse zoológico. Sou contrário, é claro, a quaisquer maus-tratos que possa haver. Que se olhe de forma holística para isso, e não simplesmente fique considerando que um animal está triste porque está com depressão e tal. Precisamos trabalhar o conjunto da obra que está por trás disso e realmente levar tudo em conta, no momento de tomar uma decisão dessas.

Na Comissão do Meio Ambiente, vamos trabalhar para não deixar votarem esse projeto, porque temos bons zoológicos e não podemos penalizá-los pelos problemas que, eventualmente, possa ocorrer aqui e ali, por não haver o cuidado necessário com os nossos animais.

Parabéns pela exposição! Eu sou de Santa Catarina, mas, infelizmente, ainda não consegui visitar o Zoológico de Pomerode. Sei que é famoso. Não consegui ir ainda, mas prometo que, na minha próxima passagem por lá, farei uma visita.

Contem conosco para esclarecermos esses problemas e ajudarmos no que for possível para acharmos uma saída honrosa, a fim de mantermos os zoológicos e, principalmente, cuidarmos do bem-estar dos animais.



Obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Deputado Valdir Colatto.

Passo a palavra ao Deputado Hugo Leal.

Na sequência, falará o Deputado Nilto Tatto.

**O SR. DEPUTADO HUGO LEAL** - Sr. Presidente, Srs. Deputados, senhores convidados, tive a oportunidade de ouvir, pelo menos, a maioria. Faço um destaque especial a um amigo e colega de caserna da Marinha, o Sr. Marcelo Szpilman, que hoje preside o AquaRio, um dos maiores aquários do Brasil, referência nacional. Não posso deixar de citá-lo aqui, para poder estabelecer este meu posicionamento, por conhecer o trabalho dele, não só o da construção do AquaRio. Há muitos anos, Marcelo Szpilman é referência nacional como biólogo, quando se trata de tubarão. Se alguém quiser saber de tubarão, pode perguntar ao Szpilman, porque ele sabe. E falo de tubarão espécie, não é desse tubarão que se está imaginando, que vive solto. Alguns podem até ser trancafiados, mas não é o caso do tubarão que está no mar, não.

Quando eu fui instado, provocado a participar, preocupado um pouco com esta questão, eu tive paciência em conhecer o projeto do nosso colega de bancada, o Deputado Goulart — o Deputado Ricardo Tripoli já é muito conhecido aqui, pelas suas manifestações, pela sua temática, pela defesa intransigente da questão dos animais e do meio ambiente. O que me preocupa muito é a radicalidade. Toda radicalidade, toda visão estreita acaba ocasionando problemas.

Obviamente, ninguém vai chegar aqui e falar, em sã consciência: *“Deixem acontecer os maus-tratos de animais, porque isso é uma consequência”*. Não é possível, não é crível uma situação dessas!

Primeiramente, esta Casa não está desatenta ao tema. E refiro-me não só à questão do zoológico. Não sei se V.Exa. estava presente, mas já discutimos, por exemplo, a proibição de animais em circo, que obviamente é completamente diferente do caso dos animais em zoológico. Hoje, salvo engano, é proibido animais em circo, por uma questão até operacional: como cuidar de três elefantes e carregá-los de um lugar para outro? Essa sim foi uma situação que a Casa debateu, mas dificilmente era defensável, até por causa das condições. Esta Casa discutiu e



aprovou a matéria. Em alguns Estados, isso já era proibido. Parece que esse tema já foi também superado.

Hoje não é crível que haja animais de grande porte dentro do circo, por causa da doma, de toda aquela coisa que nos era peculiar na infância. Hoje, não. Até aí, tudo bem, nós concordamos. É um desgaste muito grande para o animal ficar enjaulado, ter todo aquele tratamento.

Agora, quanto à transferência para os zoológicos, isto já foi dito aqui, e houve unanimidade: deve ser fechado o zoológico que não segue a regra. Se não cumpriu a regra, sai. Eu acho que a lógica ficou muito clara, nítida.

Aliás, esse aviso tem que ser dado ao Exército Brasileiro também. No CIGS, há um zoológico maravilhoso. Eu fui lá. É claro, há todas as dificuldades naturais de manutenção de um zoológico. Avisem o Exército de que vai ser fechado o zoológico dele também. Inclusive, ele o utiliza para conhecimento do animal, para estudo do animal, porque lá ocorrem operações em selva. Vai ser fechado também?

Eu respeito esse entendimento, a forma como o Deputado Tripoli abordou o tema, as discussões que têm havido nas COPs, mas existe um mundo ideal e um mundo real. No mundo real, trata-se de quem está trabalhando bem, de quem está fazendo pesquisa, de quem faz manutenção, de quem realiza o bom tratamento.

Hoje, há uma realidade, Deputado Evandro. Pessoas tinham em casa papagaio, arara. Ninguém mais quer fazer isso porque sabe que a multa é pesada. E é assim que tem de ser, porque não são todos os animais que podem ser levados para casa e ser tratados. Isso acabou! Inclusive, alguns zoológicos têm recebido animais de pessoas que não querem ser multadas. Elas os entregam para o zoológico, que é o espaço adequado para recebê-los.

No Centro de Instrução de Guerra na Selva — CIGS, em Manaus, acontece muito isto, eles recebem animais lá. As pessoas dizem que não os querem porque sabem que a multa é pesada. Isso é o correto. A legislação tem que ser firme, tem que ser punitiva. Naqueles ambientes que são preservados, pronto, eles podem ficar, e não são muitos que ficarão.

Não se trata de discussão sobre tráfico de animais. Quem vai dizer isto? *“Não, eu acho que tráfico de animal é uma coisa normal.”* Não é! Não se pode defender tráfico de animais, pelo amor de Deus, da nossa fauna. Não pode também



haver tráfico de plantas. Estou falando especificamente disso. O que aconteceu no Rio de Janeiro, conforme o que foi citado pelo Deputado Tripoli, foi um caso excepcional. Isso tem que ser investigado. Isso é crime, contrabando. É crime!

Quanto a esse crime, tem que haver punição, que já existe. Pode até ser aumentada a pena. Mas esse não é o caso que estamos discutindo aqui. Estamos discutindo a respeito de zoológico, ambiente preservado em que existe atenção ao animal. Se for para se acabar com os zoológicos — Deputado Colatto, vou lhe dar um recado —, tem que se acabar também com os currais, tem que se acabar com os chiqueiros. Não se pode mais criar animal. Vamos comer plantas então. Vamos virar indígenas. Não estou dizendo que isso seja um absurdo, não. Por que se conservam animais? Qual é a diferença? Por que a vaca é domesticada? Solte-se a vaca então, solte-se o boi, solte-se o porco, solte-se o cavalo, e acabou.

Tudo tem um princípio de razoabilidade. Vamos guardar esse padrão. A defesa aqui não é intransigente. Há uma necessidade, há uma lógica para que possa existir o que está existindo. Eu não sou desta Comissão de Meio Ambiente, mas acho que há um ponto que reúne esse princípio, que é um pouco mais razoável. O ideal seria o mundo no paraíso, mas isso ficou lá na Bíblia, no Gênesis, não veio para cá. Não vivemos mais isso, infelizmente. Então, a nossa realidade é essa. O que tem de ser aprimorado? A fiscalização. Temos que aprimorar o trabalho que está sendo realizado. *“Ah, não é o ideal.”* Sim, o ideal seria que houvesse dez fiscais para cada zoológico, para que todos os fiscalizassem. O importante é o tipo de tratamento que vai ser dado.

Eu conheço muitos zoológicos, não só no Brasil mas também em outros países. Onde meus filhos conheceram o elefante, o leão? Onde eu mesmo fui ver esses animais? Nesses ambientes. É natural que sejam preservados, tratados. Conheci o zoológico de Berlim, que é fantástico, e outros zoológicos também no mundo. Tenho orgulho de estar na cidade do Rio de Janeiro, que tem um dos melhores aquários do mundo. Eu sou suspeito para falar isso, mas eu convido todos para conhecerem o AquaRio, que é uma referência. Vão dizer que o tanque é pequenininho para o tubarão? O tanque é enorme. Achei que o espaço é até bem razoável.



Então, Presidente Evandro, demais colegas, sem querer me alongar, até para não ser repetitivo, eu acho que ficou muito claro, pelo menos na minha visão, o que nós precisamos fazer aqui. Se há necessidade de aprimoramento da legislação relativa à fiscalização, ao controle e à qualidade, nós podemos e devemos fazer isso. Esse é o papel do ICMBIO, do IBAMA, o papel dos órgãos da área ambiental, que, obviamente, têm esse cuidado. Vamos chamá-los, não temos que ter nenhum receio do debate. Há outras pessoas com visões diferentes que podem vir contribuir, não há problema algum. Com um pouquinho de bom senso, de razoabilidade, eu acho que dá para enfrentar a questão e até mesmo ajustar, modular a legislação. Mas a proibição, por si só, eu acho que não tem cabimento, a não ser que nós voltemos ao paraíso do Gênesis ou soltemos todos os animais, inclusive as vacas, porcos e cavalos, como eu já disse.

Obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Deputado Hugo Leal.

Passo a palavra ao Deputado Nilto Tatto.

**O SR. DEPUTADO NILTO TATTO** - Quero cumprimentar o Presidente Evandro e também os palestrantes, os expositores. Não tive oportunidade de ouvi-los porque eu estava em outra Comissão, em que o debate tem tudo a ver com este, uma Comissão em que se pretende flexibilizar a legislação sobre agrotóxicos. Todo mundo sabe quanto os agrotóxicos são responsáveis pela matança de abelhas, pela matança de diversos animais, todo mundo sabe o impacto disso. Esse modelo de agricultura que temos se tornou preponderante.

Também aqui foi citado, inclusive pelo Deputado Valdir Colatto, que é o autor do projeto para modificar toda a legislação brasileira sobre a política de fauna, que o Brasil tinha uma legislação até 1967, uma legislação que vinha da década de 1940. A caça era vista como propriedade do caçador. A partir de 1967, o Brasil define que o Estado tem que puxar para si a responsabilidade de cuidar da biodiversidade, cuidar, portanto, dos animais, principalmente da fauna silvestre.

Percebam que vamos por um caminho, e é isso que quero debater quanto a essa questão do zoológico. Eu frequentei zoológico, levei minhas filhas para visitar zoológico. Mas nós precisamos reconhecer que, de um tempo para cá, nas últimas 2



ou 3 décadas, a humanidade começou a perceber de maneira diferente as diversas formas de vida. Nós começamos a ver os animais, não só os domésticos mas também os silvestres, como seres que precisam ser respeitados e que têm direito à vida. Isso vem ganhando corpo. Valores vêm sendo construídos na sociedade.

É natural, então, é normal que se faça um debate hoje sobre o papel do zoológico e que sejam considerados esses valores que vão sendo adquiridos, vão sendo construídos, valores que dizem respeito ao relacionamento com as outras formas de vida, para se saber se o zoológico é o melhor lugar ou não para aquelas espécies. Pode-se chegar à conclusão, em determinado momento, de que não são. Vão sendo colocados na balança esses valores *vis-à-vis* o potencial econômico que tem a atividade.

O que eu quero dizer é que esse debate é pertinente, que precisamos fazer esse debate. E o tempo vai dizer que a tese de que não se vai mais prender animais vai ganhar no futuro. Não adianta quereremos evitá-lo, porque a humanidade tende a buscar caminhos de melhor convivência entre os da nossa espécie e também com os de outras espécies, com as outras formas de vida. Eu até recomendo a leitura da encíclica papal *Laudato Si'*, do Papa Francisco. Ela aborda muito bem isso.

Trata-se então de valores sobre o relacionamento com as outras formas de vida, com as outras espécies, valores que vão sendo construídos. Não adianta quereremos achar, por exemplo, que vamos voltar ao passado e ver as outras espécies, as outras formas de vida como coisas ou como aquilo que podemos dominar. Esta é a tendência, a nossa espécie tem de entender que o planeta tem vida, que todas as formas de vida têm direitos, que a Terra tem direitos, que o outro tem direitos — quando digo “o outro”, não me refiro apenas à nossa espécie.

Neste momento eu não tenho um posicionamento, por exemplo, com relação ao projeto, mas volto a dizer que essa tese de respeito, a de acabar um dia com os zoológicos, vai ser vitoriosa mais adiante, logo mais, porque é assim que a humanidade caminha e é assim que as pessoas, graças a Deus, começam a respeitar as outras formas de vida.

Obrigado, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Agradeço ao Deputado Nilto Tatto.



Nós tínhamos combinado de encerrar esta reunião até as 17 horas, mas vamos continuá-la até as 17h15min aproximadamente. Eu concederei a palavra agora a três pessoas que se inscreveram para falar, a não mais que três, por 3 minutos.

Tem a palavra o Sr. Nilson Gabas Júnior, de Belém, do Museu Goeldi, por 3 minutos.

**O SR. NILSON GABAS JÚNIOR** - Obrigado.

Eu quero fazer uma breve apresentação institucional, porque estou falando enquanto gestor. Eu sou Diretor do Museu Goeldi há 8 anos e meio. O meu mandato expirou agora, no final de novembro, mas o Ministro Kassab decidiu me manter por um tempo além do que foi estabelecido na portaria de nomeação.

Por que eu menciono o Ministro Kassab? Porque sou diretor de um instituto de pesquisa que pertence ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Existe uma singularidade que beira a esquizofrenia. Eu estou falando sério. Ser diretor de um instituto de pesquisa, que tem como mote produzir pesquisa, educação científica... Existem cinco pós-graduações associadas ao nosso instituto. Uma delas é exclusiva do Museu Goeldi, com pesquisadores exclusivos do Museu Goeldi. No caso das outras quatro, há parceria com universidades federais, a UFRA e a UFPA, e com a EMBRAPA.

Temos um programa de educação bastante forte, temos coleções científicas. Aliás, apresentou-se aqui a nomenclatura da IUCN para as espécies. Nós somos o instituto de pesquisa que ajuda a determinar esse rótulo que vai à frente do nome de cada espécie e informa se ela está em perigo de extinção, se está o.k. Somos o segundo Estado da Federação a ter sua lista de espécies ameaçadas elaborada. Quem coordenou isso foi o Museu Goeldi e seus pesquisadores, junto com a UFPA, com a EMBRAPA, com a SEMAS, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Passei meu cartão para o Deputado, que disse: *“Esse instituto tem 150 anos?”* Tem 152 anos de existência, é o instituto de pesquisa mais longevo da Amazônia, é o segundo do Brasil.

Por que eu disse que há esquizofrenia? Porque, apesar de sermos um instituto de pesquisa, nós temos um jardim botânico, classificado como C, que tem



possibilidade de ir para B e, com um pouquinho mais de esforço, passar para A, dentro da classificação nacional dos jardins botânicos. Temos um aquário, o aquário público mais antigo do Brasil, fundado em 1911. É um aquário pequeno. Não chega a ser decimal a aproximação em porcentagem com o AquaRio. Mas é um aquário bastante significativo, porque leva ao conhecimento do povo visitante — desde a reabertura do nosso aquário, no final do ano, ele tem recebido cerca de 10 mil visitantes por mês — espécies amazônicas, espécies endêmicas, espécies que são bastante utilizadas em culinária.

São realizadas visitas guiadas para se mostrar essa importância para a ecologia, para a culinária, a importância do substrato das populações amazônicas que fazem referência a algumas daquelas espécies. Então, todo um projeto de educação e conscientização é feito em cada visita guiada que temos para escolas e também para o público visitante em geral. Todos têm direito à visita guiada. Mas o aquário é pequeno.

Temos um jardim zoológico, que chega a ser, não oficialmente, uma espécie de CETAS, um Centro de Triagem de Animais Silvestres. Somos um instituto de pesquisa localizado na Amazônia. Pela quantidade de empreendimentos grandes sendo feitos na Amazônia, nós naturalmente passamos a ser um centro de recebimento de animais que sofrem algum tipo de consequência por ocasião desses empreendimentos. E somos singulares porque não temos tido problema nenhum com o IBAMA, que manda os animais para lá. Nós recebemos os animais e recebemos apoio do IBAMA, inclusive medicação, alimentação. Sem problema!

Eu devo dizer que eu não tinha ciência desse PL, que é de 2016 — tem quase 2 anos já —, nem do impacto dele, até eu receber da SZB o convite, que agradeço, para poder participar desta audiência. Eu vim prontamente porque, mais do que de tentativas de publicidade pessoal, estamos falando de questões que envolvem as instituições as quais dirigimos e procuramos manter da melhor maneira possível. Nós não podemos ser penalizados por um ou outro caso isolado.

Eu, como gestor, sei disso. A mentalidade CGU e TCU fez com que as instituições públicas federais paralisassem as suas efetivas parcerias com as fundações de apoio. Não estou falando das fundações de amparo estaduais. O TCU



não olhou essa questão e quase sinalizou a possibilidade de paralisação das atividades de parceria com as fundações de apoio.

Nós não podemos, por conta de casos isolados, ter uma atitude semelhante no caso dos zoológicos e dos aquários.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Conclua, por favor. O senhor dispõe de 30 segundos.

**O SR. NILSON GABAS JÚNIOR** - O.k. Eu quero só referendar a posição do Deputado Colatto. Eu estive, na quinta-feira, com o Deputado Joaquim Passarinho, que é do PSD do Pará. Ele se sensibilizou e entende muito bem a questão, assim como vários outros a entendem.

O debate é próprio. Talvez questões isoladas precisem ser corrigidas. Essa é a chance que temos de nos debruçar, de maneira prudente, sobre a legislação e ver o que ela precisa em termos de melhoria. Este um momento ideológico, mas nós devemos aproveitar este momento para ressaltar essas instituições e mostrar que temos muito prazer em fazer com que continuem funcionando a contento.

Sinceramente, do ponto de vista do Museu Goeldi, eu não gostaria, após ter passado por uma contenção orçamentária em 2017 que quase fechou a instituição, a nossa base física, e após ter superado isso em 2018 — conseguimos quase 100% do nosso orçamento, que estava em torno de 8 e subiu para 15 —, de precisar agora fechar o parque zoobotânico por conta de uma legislação que é caduca, que não vai levar benefício para a população de Belém, que tem no Museu Goeldi um centro de referência para produção de conhecimento, para informação, para educação e até para consternação no que se refere à biodiversidade amazônica.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Agradeço ao Sr. Nilson Gabas Júnior.

Passo a palavra, por 3 minutos, ao Sr. Gladstone Corrêa de Araújo, que é da diretoria do CRBIO-04, o Conselho Regional de Biologia 4ª Região.

**O SR. GLADSTONE CORRÊA DE ARAÚJO** - Boa tarde a todos. Meu nome é Gladstone Araújo. Eu sou também analista da Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte, para onde foram os peixes resgatados citados pelo Daniel.



Eu falo aqui como conselheiro do Conselho Regional de Biologia 4ª Região, que abrange os Estados de Minas Gerais, Goiás e Tocantins e o Distrito Federal.

Vou falar um pouco do papel do conselho, da nossa legislação profissional e da interface que existe com esse projeto de lei.

Nós temos a Resolução da CFBio nº 11, de 2003, que dispõe sobre a Anotação de Responsabilidade Técnica — ART por atividade profissional no âmbito das atividades inerentes à profissão do biólogo. O que é isso? Traduzindo, todos os biólogos que atuam em jardins zoológicos têm que fazer essa Anotação de — ouçam as palavrinhas — Responsabilidade Técnica.

Temos também a Resolução CFBio nº 115, de 2007, sobre o registro de pessoas jurídicas que atuam em áreas inerentes à profissão do biólogo, sobre o que nós chamamos de TRT — Termo de Responsabilidade Técnica. Todo jardim zoológico tem que ter um responsável técnico. Pode ser biólogo, pode ser veterinário, pode ser zootecnista.

Temos a Resolução CFBio nº 227, de 2010, sobre as áreas de atuação do biólogo. Ela fala que ele pode atuar em meio ambiente, biodiversidade, saúde, biotecnologia e produção. Dentro da área de meio ambiente e biodiversidade, eu chamo atenção para a 21ª área de atuação do biólogo: a gestão de jardins zoológicos.

Eu vou entregar a vocês um compilado da legislação da nossa profissão, para auxiliar os trabalhos da Comissão. Eu tive o trabalho de colocar aquelas marcações para facilitar. É importante que a assessoria o receba. Vou passar para vocês daqui a pouco.

Ah! Temos uma resolução novíssima, de 8 de junho — não tem nem 10 dias de vigência —, sobre a atuação do biólogo no manejo, na gestão, na pesquisa e na conservação da fauna *ex situ*. Eu também tive o trabalho de marcar, de destacar toda a parte de zoológicos e aquários.

Dentro da função principal dos Conselhos de Biologia, que é a fiscalização profissional, todos os jardins zoológicos são alvo de ações de fiscalização. No caso do CRBio-04, nós fiscalizamos todos os zoológicos dos Estados de Minas e Goiás e do Distrito Federal. O Estado de Tocantins não tem zoológico.



E, nessas ações de fiscalização, o que nós fazemos? Verificamos se há um responsável técnico, cobramos ARTs, divulgamos o Código de Ética, enfim, fazemos o papel principal, que é o de fiscalizar, para melhorar os jardins zoológicos.

Em tempo, a nossa plenária decidiu que vai fazer uma moção contrária a esse projeto de lei, da forma como está. Nós vamos levar essa solicitação ao Conselho Federal de Biologia, para que ele a analise, aprove e faça uma moção, de forma a alterar o teor desse projeto de lei.

A nossa intenção é acionar todos os sindicatos e associações de biólogos que existem no Brasil. E, por uma questão de lógica e bom entendimento, todas as instituições de outros profissionais — veterinários, zootecnistas — que atuam em jardim zoológico devem se posicionar contra esse projeto de lei — repetindo: contra a forma como ele está.

O Conselho de Medicina não fecha hospitais, ele cobra melhorias no sistema de saúde. O Conselho de Biblioteconomia não defende o fechamento de bibliotecas. Nós também pensamos assim. O caminho mais fácil é o de proibir e fechar. Difícil é melhorar, é buscar investimento, é fazer as instituições evoluírem, é fazer conservação, é promover a educação ambiental, como foi citado aqui, às vezes com poucos recursos e com recursos vindos da visitação, mas com controle e respeito ao bem-estar dos animais, como também foi falado aqui.

Pena que o Deputado Ricardo Tripoli tenha saído. Eu fiz o curso de auditor em bem-estar este ano e gostaria de sugerir a ele que fizesse uma intermediação, para que um dos santuários citados aqui por ele seja submetido a esse processo de certificação em bem-estar animal. Eu acho que todos vamos sair ganhando: os animais, os santuários, as instituições. É importante que isso aconteça.

Finalizando, eu gostaria de dizer para os milhares de profissionais que atuam em jardins zoológicos que contem com o Conselho Regional de Biologia da 4ª Região.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sr. Gladstone.

Depois eu vou ler duas perguntas enviadas por internautas e passar a palavra para as considerações finais, respeitado o horário.



Passo a palavra agora, por 3 minutos, ao Sr. Fernando Henrique de Sousa, Diretor Institucional e Sustentabilidade do Grupo Cataratas.

**O SR. FERNANDO HENRIQUE DE SOUSA** - Boa tarde, Deputado Evandro Roman. Muito obrigado pela disponibilidade.

Primeiramente, eu queria aproveitar esta oportunidade para reforçar um ponto que o Cláudio apresentou e que já foi apresentado para o Deputado Ricardo Izar, que já foi apresentado para o Deputado Goulart no mês passado. Falo do projeto de lei que traz uma série de regulamentações. Nós estamos falando de uma proposta de aumentar realmente o sarrafo na qualidade dos jardins zoológicos, de discutir isso no âmbito de uma regulamentação, não no âmbito do mérito do PL anterior. Então, passamos a ter uma evolução da proposta realizada, fruto do amplo debate feito pela Sociedade dos Zoológicos do Brasil. Estamos dando uma contribuição para o debate, objetivamente, uma contribuição já tecnicamente discutida.

Queria reforçar também que o caso do Grupo Cataratas é bem emblemático. O Deputado conhece bem o nosso caso, a atividade que exercemos no Parque Nacional do Iguaçu, nas Cataratas do Iguaçu. Nós tínhamos uma iniciativa privada, fizemos investimentos para fazer a gestão da concessão da visitação do Parque Nacional do Iguaçu e, recentemente, há 2 anos, também passamos a fazer investimentos no AquaRio e no Zoológico do Rio de Janeiro. Foi um processo de concessão no qual participamos da licitação e vencemos o processo licitatório.

E ali conseguimos verificar o antes e o depois. O zoológico estava numa condição ruim, muito por conta da falta de cuidados do poder público ou da própria questão fiscal atual do País. Nós vimos que boa parte dos zoológicos são municipais ou têm uma administração pública. Então, têm necessidades, têm defasagens. E existe uma possibilidade que a iniciativa privada traz, através da Lei nº 8.987, com as concessões de zoológicos e aquários.

Nós acreditamos muito que fazer esse processo é uma alternativa. Ela não é a única, mas é uma alternativa para a reversão desse quadro em alguns zoológicos do Brasil. Alguns outros Municípios estão abrindo processos licitatórios para a concessão de zoológicos.

Nós acreditamos muito que todo esse processo é para pensar o futuro, como o Deputado Ricardo Tripoli apresentou, é para pensar o que seria a biodiversidade



no futuro, o que seriam os zoológicos no futuro. Como ele colocou, talvez no futuro as pessoas sejam avessas a zoológicos e aquários. Nós acreditamos justamente que não. Por isso estamos investindo 80 milhões de reais no Zoológico do Rio de Janeiro.

Para isso fomos discutir com a Sociedade dos Zoológicos do Brasil o que são esses zoológicos do futuro, fomos discutir com a sociedade também e obtivemos várias contribuições de universidades federais, de autarquias ambientais.

Estamos propondo para o Zoológico do Rio de Janeiro um modelo novo. A nossa proposta é a de fazer o que chamamos de “enclausuramento inverso”, no qual os animais têm áreas maiores de circulação. Isso garantiria justamente o bem-estar animal. Há uma grande área do Zoológico do Rio de Janeiro agora totalmente focada em conservação.

Então, temos realmente uma proposta muito forte de investimentos, de apoio ao ICMBio nessa missão, nessa tarefa de conservação *ex situ*, com essa área maior, com a doação de bolsas para pesquisadores, com o apoio a projetos como o da anta, da jacutinga e de outros animais da Mata Atlântica, para realmente sermos um espaço de contribuição e, efetivamente, de educação, pesquisa e conservação.

Obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sr. Fernando Henrique de Sousa.

Vou fazer a leitura de duas perguntas e ver quem se sente mais habilitado a responder. Trata-se de uma audiência pública grande, com seis convidados, e cada um falou no mínimo 15 minutos. Então, ela se tornou grande.

A primeira pergunta é da Sra. Lygia Spaulussi. Ela pergunta o seguinte:

*Os zoológicos atuais são instrumentos fundamentais na conservação de várias espécies que perderam os seus habitats e reduziram suas populações além de receber animais que não podem ser reintroduzidos. O que esses grupos antizoo sugerem que seja feito para que esse trabalho exista sem essas instituições?*



Alguém se habilita a responder? *(Pausa.)* Não? Se não, eu passo para a outra pergunta. *(Pausa.)* Vamos lá!

A pergunta do Prof. Reuber Brandão, Coordenador do Laboratório de Fauna em Unidades de Conservação da Universidade de Brasília, é a seguinte:

*Considerando o papel atual dos zoológicos e aquários públicos na educação ambiental e no desenvolvimento de técnicas de reprodução de espécies ameaçadas nativas, quero dizer que, com a eventual proibição de tais atividades, o cidadão brasileiro que queira, por exemplo, ver um lobo-guará deve viajar para outro país? Além disso, teremos que importar as técnicas de manejo e reprodução de espécies nativas nacionais de centros de pesquisa localizados em outros países?*

*Minha opinião profissional sobre essa proposta é de que ela é desprovida de qualquer vínculo com a realidade, visando atender achismos de pessoas sem entendimento técnico.*

Acho que ele faz a pergunta e já responde. *(Risos.) (Palmas.)*

Vamos para outra pergunta.

O Sr. Marco Majolo pergunta:

*Por que instituições da importância dos zoológicos e aquários são tão perseguidas? Qual o real interesse desses pequenos grupos antizoo?*

Alguém se habilita? *(Pausa.)* Se não, passo para outra pergunta. *(Pausa.)*  
Vamos embora!

Henrique Luís de Almeida, do Aquário de Ubatuba, pergunta o seguinte:

*A Agenda 21, assinada por 179 países, constitui a mais abrangente tentativa de promover o desenvolvimento sustentável. Em seus capítulos 15 e 36 destaca a importância dos zoológicos para a conservação ambiental. Proibir zoos e aquários no Brasil não estaria em desacordo com a Agenda 21?*



Acho que dá para alguém responder. Uma breve resposta, por favor.

**O SR. CLÁUDIO HERMES MAAS** - Acho que as colocações do Henrique são bastante importantes. Temos de levar em consideração que o zoológico e o aquário, hoje, em âmbito global, são as únicas ferramentas de combate à perda de biodiversidade, independentemente de país, independentemente de questão religiosa, independentemente de qualquer outro preceito. Somos nós que fazemos esse enfrentamento. A partir da hora em que zoológicos e aquários deixarem de existir, você perde a maior força que tem e a maior rede de cooperação já estabelecida.

Sou biólogo, sou profissional, fiz o juramento, no dia em que me tornei biólogo, de defender a ciência e a vida. De acordo com esse juramento, jamais iria trabalhar numa instituição que, em sua essência, promovesse maus-tratos.

Acho que esse é um ponto importante, não só para mim, como também para todos os meus colegas técnicos, que fizeram o mesmo juramento. Nós não conseguimos enxergar, como instituição brasileira, como representantes de uma entidade como a AZAB, a antiga SZB, o Brasil simplesmente passando de novo para técnicos, para instituições internacionais o cuidado da sua biodiversidade. Muitas das espécies sobre as quais falamos são espécies endêmicas do Brasil.

Então, eu concordo com o Henrique, que realmente a aprovação deste projeto como está, com certeza, fere os compromissos internacionais que o Brasil assumiu. Ele fere um acordo, uma cooperação internacional e interinstitucional já existente. Eu concordo com ele.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado.

Outro internauta, no espaço e-Democracia, fez cinco perguntas. *(Risos.)* Eu peço desculpas. Vou ler uma das perguntas do Sr. Danianderson:

*Muitos Zoos recebem animais oriundos de tráfico, apreensão, atropelamentos e boa parte nasce no próprio Zoo. Com o fechamento dos Zoos, qual será a destinação dessas espécies?*

Alguém quer responder? *(Pausa.)* Pode responder.



**O SR. CLÁUDIO HERMES MAAS** - Bem, a resposta para mim é muito clara: esses animais vão ser condenados, primeiro, à morte. Eles vão ser condenados a uma situação de maus-tratos extremos. Eu estou sendo bem franco e direto.

Que me desculpem, mas as soluções que são apresentadas, que podem ter diversos nomes, não atendem. Como muito bem colocou o Gladstone, eu gostaria de ver essas soluções apresentadas por algumas entidades passarem por um processo de acreditação, de certificação. Não temos nenhum processo dessa natureza na América Latina. Nenhum.

Então, para mim, é muito claro: os animais serão condenados à morte.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Faltam três perguntas. Vou ser breve. Algumas delas não puderam ser respondidas.

O internauta Bruno Minoro Muricava pergunta o seguinte:

*Aproximadamente 94% das espécies extintas em natureza (IUCN) — eu desconheço essa sigla — são reproduzidas em zoo. Porque instituições destas que tem um papel na compreensão dos visitantes e de conservação dos animais são mal vistas? Bons zoológicos são pautados em ética, conservação, pesquisa, educação e lazer!*

Acho que ele já respondeu também.

Outro internauta, o Samuel Silva, diz o seguinte:

*Caso sejam fechados os zoológicos que tenham esses animais expostos, onde poderíamos realocá-los?*

Isso já foi perguntado anteriormente.

*Não seriam necessárias ONGs que pudessem cuidar e tratá-los? As ONGs poderiam expô-los para o seu financiamento?*

Quer responder?

**O SR. CLÁUDIO HERMES MAAS** - A partir da hora em que a ONG expõe o animal, seja para uma câmera, seja a grandes distâncias, se ela continua expondo um elefante e se a discussão aqui é fechamento — e eu vou até fazer uma cola do tema desta audiência, que é “*debate sobre a proibição, em todo o território nacional,*



de zoológicos, aquários e parques que exponham animais silvestres” —, então, vamos chamar esses parques de qualquer outro nome, e eles continuam expondo os animais silvestres. Para mim é a mesma coisa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Perfeito. A pergunta é do Sr. Samuel Silva, que...

*(Intervenções simultâneas ininteligíveis.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Vamos para a última pergunta e, depois, para as considerações finais. O internauta Beriba Esporão pergunta o seguinte:

*Como um Projeto de Lei pode estar tão defasado com a realidade da conservação? Toda a justificativa do PL é baseada em comportamentos condenados por qualquer conservacionista e iguala por baixo todos. Por que não criar mecanismos de controle e não punir todos?*

Muito bem colocado.

Se nenhum Deputado quiser se manifestar, eu vou passar a palavra aos oradores, da minha esquerda para a minha direita, para as considerações finais, em até 1 minuto.

V.Exa. quer se manifestar, Deputado Joaquim Passarinho, cujo nome tem tudo a ver com o que nós estamos tratando aqui? *(Risos.)* É o nosso *little bird*.

**O SR. DEPUTADO JOAQUIM PASSARINHO** - Trata da preservação da natureza. *(Riso.)*

Sr. Presidente, serei bem rápido. Quero só agradecer-lhe a gentileza de ter permitido que o Dr. Gabas falasse. Ele é o Diretor do Museu Emílio Goeldi, um ponto de referência para a pesquisa no nosso Pará, na nossa Amazônia e no nosso Brasil. O que é feito lá no museu é referência, inclusive com os animais.

Eu entendo o Deputado Ricardo Tripoli quando fala do cuidado dos animais. Ninguém quer ver um animal sofrer. Ninguém. Nem o cachorrinho que mora em casa. Imaginem um animal silvestre.

Nós precisamos aprender com os animais, nós podemos trazer lições para a nossa sociedade através dos animais. E temos capacidade técnica suficiente para isso, para termos essa convivência harmônica com a natureza, respeitando-a, mas



também desfrutando na sociedade dos conhecimentos que a natureza e os animais nos trazem.

Eu queria só lhe agradecer a gentileza de ter deixado o Dr. Gabas falar desse centro de pesquisa de excelência da Amazônia que é o Museu Emílio Goeldi, uma referência para todos nós, um orgulho para todos nós, que trata de maneira excepcional dos animais que estão sob a sua proteção.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Deputado Passarinho, foi a seu pedido que o professor falou. Ele nos trouxe um conhecimento que realmente eu não tinha. Esse museu funciona há mais de 152 anos. Isso é algo que nos engrandece.

Obrigado.

Passo a palavra ao Sr. Maurício Bruns, para as suas considerações finais, por 1 minuto.

**O SR. MAURÍCIO BRUNS** - Na realidade, o que nos entristece, Deputado Evandro Roman, é o fato de o Brasil ter uma das melhores legislações do mundo — e isso é notório, é falado em diversos canais de televisão —, mas, infelizmente, predominar a insegurança jurídica. Eu creio que cabe a V.Exas. sanar esse defeito. Isso faz com que o Brasil mergulhe numa crise institucional profunda, numa crise de ideologias sem nexo.

Então, eu acho que este é um momento de reflexão muito grande e de realmente trabalharmos em conjunto.

Quero novamente reforçar os nossos agradecimentos aos Deputados Stefano Aguiar e Valdir Colatto, que realmente têm-nos dado oportunidades de forma democrática. Este ato de hoje é democrático, faz parte do nosso regimento nacional. De forma conjunta, podem ter certeza, como representantes de instituições, nós vamos dar o que há de melhor para fazer com que o Brasil seja exemplo para o mundo, em termos de manejo cooperado e de instituições modernas.

Volto a reiterar: não queremos zoológicos ruins, queremos, sim, trabalhar honestamente e fazer o que há de melhor.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado.



Passo a palavra ao Sr. Ugo Vercillo.

**O SR. UGO EICHLER VERCILLO** - Obrigado.

Eu queria, mais uma vez, agradecer pela participação do Ministério neste momento.

O Ministério do Meio Ambiente tem um papel fundamental na busca da conservação das espécies. O nosso foco é a proteção de todas as espécies do Brasil de forma *in situ*, é a garantia de seu papel ecológico. Entendemos a importância da conservação *in situ*. Para que isso de fato ocorra, os zoológicos têm papel fundamental.

Entendemos que é importante trabalharmos um processo de melhoria, de evolução do zoológico, o que eu chamei de “virada dos zoológicos”. A sua função na conservação é maior do que simplesmente a de mero repositório de animais. Não é isso o que buscamos. E vemos isso aqui presente. Então, em vez de buscarmos a proibição, temos de buscar a melhoria do processo de atuação dos zoológicos.

Em nenhum lugar do mundo, num futuro próximo, eu vislumbro que não haverá animais em cativeiro. É importante, para esse trabalho da gestão ambiental, que haja o manejo dos animais e o conhecimento melhor deles. Existem trabalhos que esclarecem a importância da conservação *in situ*. Num futuro próximo, manteremos os animais em conservação *in situ*, sim, e contribuiremos para a conservação *in situ*. Acho que essa é a visão do futuro que temos imposto para todo o mundo.

Obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sr. Ugo.

Passo a palavra à Sra. Mara Cristina.

**A SRA. MARA CRISTINA MARQUES ANGELO** - Primeiramente, eu quero de novo agradecer a oportunidade de representar aqui a minha instituição e dizer que uma política pública nós conseguimos construir em conjunto. Num tempo em que pessoas que têm pensamentos adversos ao nosso simplesmente sofrem diversas pressões, pelo fato de pensar diferente e não ter massa crítica, às vezes você é criticado. Então, política pública se constrói em conjunto.

Eu acho que temos de fazer a pergunta a quem interessa. Enquanto ficamos nesta corda de quem é a favor ou contra os zoológicos, o nosso foco principal é o



traficante, que está retirando a maior quantidade de animais das Unidades da Conservação, de animais que estão em lugar de apanha. A fiscalização solta na Unidade de Conservação, e o traficante está lá novamente para apanhá-lo.

Na verdade, temos de colocar esforços políticos em cima daquilo que efetivamente está fazendo com que o animal saia da natureza, que é o tráfico. Os zoológicos tentam enxugar o gelo, e nós tentamos fazer a nossa parte. Eu acho que a política pública tem que dar o seu contraponto, que é a fiscalização.

Eu acho que este é um fórum importante, acho que a discussão é saudável, acho que estamos aqui para dizer o nosso ponto, o nosso trabalho. Sabemos, sim, que temos muitos problemas para corrigir. Sabemos, sim, que cada uma das nossas instituições precisa corrigir os seus problemas, mas estamos aqui disponíveis. Cada um aqui deixou seus afazeres, cada um saiu do seu Estado para vir aqui se disponibilizar e discutir. Pena que algumas pessoas já não estejam presentes, justamente as que deveriam ouvir. De qualquer forma, todos estamos aqui à disposição, todos nós ficamos muito felizes por esta oportunidade.

Obrigada. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado.

Passo a palavra, para as suas considerações finais, ao Sr. Marcelo Szpilman.

**O SR. MARCELO SZPILMAN** - Obrigado.

Eu queria fazer alguns contrapontos ao que foi falado aqui. Nós não tivemos a oportunidade de debater.

No mundo ideal, em que o homem não polui e não degrada, não precisaríamos de zoológicos e de aquários. Como o mundo é real, os aquários e os zoológicos são extremamente importantes para reverter exatamente o que o ser humano vem fazendo ao longo dos últimos anos. Sem zoológicos e aquários, só vamos piorar, extraordinariamente, o nosso problema em relação à natureza. Esse é o primeiro ponto.

Segundo ponto: respeito aos animais. Quer maior desrespeito do que o que o ser humano vem fazendo? Ou seja, poluir, degradar o meio ambiente e extinguir espécies. Não é o zoológico nem o aquário que fazem isso, somos nós seres humanos.



Acabei de voltar da Ilha de Trindade. Vamos fazer alguns estudos. Um deles é sobre toxicologia. Provavelmente, há poluição e microplástico a 1.400 quilômetros do nosso litoral, numa ilha abandonada pela população não atingida pela nossa sociedade.

Então, é o ser humano que vem poluindo extraordinariamente. Esse é o maior desrespeito que podemos ter para com os animais. Não faz sentido.

Com relação a ser protetor dos animais, eu acho muito engraçado. Tenho ouvido isso ao longo dos últimos anos. Há protetores de animais que não fazem nada pelos animais, absolutamente nada, que só criticam. Quem faz algum benefício, quem vem fazendo trabalhos extraordinários — cito o Projeto TAMAR, o Baleia Jubarte e vários projetos — é criticado por gente que nunca fez nada, que só critica. Hoje, com a Internet, fica muito fácil para as pessoas criticar.

Eu acho que os bons aquários e os bons zoológicos são os maiores protetores dos animais. Não há como discutir isso. Não há por que discutir esse tipo de coisa. O bom senso tem que imperar nessa hora.

Para finalizar, eu vou dar um exemplo meu. Há 30 anos venho trabalhando. Criei um dos maiores institutos de preservação, apoiei e patrocinei vários projetos ecológicos, de proteção de todos os animais. E agora seria o quê? Eu criei um aquário para maltratar esses animais, esses mesmos animais que eu protejo há 30 anos? Não faz o menor sentido isso. É totalmente ilógico. Era esse o recado que eu gostaria de dar.

As pessoas que falaram já foram embora. Espero que elas possam ouvir e ver, já que a audiência está sendo filmada.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado.

Passo a palavra ao Sr. Cláudio Hermes Maas.

**O SR. CLÁUDIO HERMES MAAS** - Também gostaria de agradecer muito por esta oportunidade. Eu acho que temos uma discussão muito ampla e inclusive profunda. Nós conseguimos mostrar, neste debate, para a Comissão de Meio Ambiente, o que realmente é um zoológico e um aquário, o que realmente um zoológico e um aquário fazem.



Não usamos os melhores exemplos para esconder os piores. Ao contrário. A Sociedade de Zoológicos, hoje Associação, vai ser a primeira a bater em cada Secretaria de Estado de Meio Ambiente, que agora é responsável pela autorização e regulamentação de zoológicos e aquários, não mais o IBAMA... Também temos que pôr esse ponto. E aqui abro um parêntese: é importante que eles sejam chamados. É importante também que a ABEMA — Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Meio Ambiente seja chamada para discutir isso, já que cabe ao Estado e não mais ao IBAMA solicitar que instituições que não cumpram os papéis que eu apresentei sejam fechadas.

Como associação, eu posso dizer que 2023 é o ano limite para que nós tenhamos somente instituições certificadas. O Marcelo falou muito bem da certificação. O AquaRio foi o primeiro equipamento do Brasil a ser certificado. Por quê? Porque ele já nasceu com essa preocupação. Hoje nós já temos mais equipamentos certificados. Em 2023, teremos somente equipamentos certificados.

Então, o papel que compete à sociedade civil organizada nós estamos cumprindo, sim, com o apoio do IBAMA e dos órgãos que sempre foram nossos parceiros, desde o início da história.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Obrigado, Sr. Cláudio.

Passo a palavra ao Sr. Daniel Santana Lorenzo Raices.

**O SR. DANIEL SANTANA LORENZO RAICES** - Muito obrigado.

O ICMBio preza muito pelas Unidades de Conservação Federais, que ele rege, e pelas espécies *in situ*, em vida livre.

Sabemos que é impossível recuperar algumas espécies que estão ameaçadas de extinção somente em vida livre hoje e que a participação dos zoológicos é fundamental para a recuperação. Assim como mostrei o exemplo do mico-leão-dourado, há vários outros exemplos. Contamos com eles para tentar recuperar essas populações em vida livre, para que elas sigam as suas funções biológicas e ecológicas e continuem também em zoológico, para termos sempre esse aporte genético, quando precisarmos.

Obrigado. (*Palmas.*)



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Agradeço a todos os convidados pelas explanações e aos Deputados. Acho que todos foram muito esclarecedores.

Entre as nossas idas e vindas, houve um período de 1 hora, de 1 hora e meia, em que eu estive em quatro Comissões ao mesmo tempo. E presidindo esta! (*Risos.*) Quando eu vi que acendeu a luz que indica o início da Ordem do Dia no plenário, senti um alívio. Duas ei já eliminei.

Essa é a grande dificuldade, muitas vezes, do Parlamento.

**O SR. DEPUTADO HUGO LEAL** - Deputado Evandro, eu costumo dizer o seguinte: abro mão da imunidade parlamentar para ter a ubiquidade parlamentar, para estar em dois lugares ao mesmo tempo. Aqui, na terça-feira e na quarta-feira ocorre algo impressionante.

**O SR. DEPUTADO VALDIR COLATTO** - Sr. Presidente, quero fazer uma sugestão: de que esta reunião seja transmitida pela *TV Câmara*, para o Brasil. Embora com poucos Deputados aqui, foi divulgada pela Internet, e a *TV Câmara* poderia multiplicar a divulgação. Acho que foi muito esclarecedor o que aconteceu aqui.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Evandro Roman) - Fica registrada a sua solicitação de vincular a reunião a todos os órgãos de comunicação da Casa, principalmente à *TV Câmara*, para que seja replicada no nosso período de recesso. Acho que foi muito esclarecedor o evento.

Eu sou um defensor muito claro. Minhas filhas adoram ir ao zoológico. O Deputado Joaquim Passarinho, que é padrinho de um deles, sabe muito bem o quanto eles curtem.

O que se implantou muitas vezes foi uma questão ideológica muito profunda, pesada, que colocou todos na mesma vala. Temos talvez um percentual pequeno que tem seus problemas. Em vez de atacar o problema, quiseram pulverizar todos. É claro que isso foi muito incentivado também, Marcelo, pelas redes sociais. Tenho hoje uma clareza profunda em relação a isso.

Comungo do pensamento de Umberto Eco, que, antes de ele falecer, disse que as redes sociais deram um benefício enorme ao mundo, maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, deram voz aos imbecis. E nunca foram tantos. Esses acabam muitas



vezes criando esta situação. É a minoria barulhenta que acaba fazendo com que isso ocorra.

Comungo muito da ideia do Deputado Hugo Leal, de que, se é para soltar, que soltemos todos. Deputado Valdir Colatto, é o que defendo na questão das terras indígenas. Estou no Estado do Paraná, na região de Terra Roxa e de Guaíra, na qual existe hoje uma dificuldade muito grande em relação à devolução de terras que estão há 150 anos na mão de algumas famílias, há cinco ou seis gerações, para os indígenas. Sem problema. Entendo até que as terras eram dos indígenas, mas que devolvam primeiro Copacabana e Ipanema aos índios tupinambás. Se devolverem Copacabana e Ipanema aos índios tupinambás, podem ter certeza de que, a partir daí, eu assinarei qualquer documento. *(Palmas.)*

Eram todas terras indígenas. Isso é muito claro para mim. Não querem mexer de 150 anos para cá? Vamos mexer de 500 anos para cá pelo menos. A partir daí, resolveremos todos os problemas indígenas do Brasil e voltaremos a Portugal. *(Risos.)*

Agradeço a todos pela presença e pela forma esclarecedora como se manifestaram.

Está encerrada a presente reunião.